

SUBINDO PARA MISSÕES



José Bernardo

"Jovens, eu lhes escrevi, porque vocês são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece e vocês venceram o Maligno."
1João 2:14c



São Paulo, 2014



SUBINDO PARA MISSÕES



José Bernardo

Subindo para missões
1ª edição digital
v. antecipada

Copyright ©2014 por José Bernardo
Todos os direitos reservados

Proibida a cópia. O download autorizado
deve ser feito apenas no portal
www.evangelizabrasil.com
Permitida a citação de trechos com
o devido crédito.

Design gráfico: Salva Vidas
Download: www.evangelizabrasil.com

As citações bíblicas são da
Nova Versão Internacional
©1993, 2000, por International Bible Society

Bernardo, José
Subindo para missões: um manual para vocacionados a missões/ 1ª edição digital/ São Paulo: Salva Vidas, 2014.



www.salvavidas.biz



no térreo

Quando estamos no térreo, diante das portas fechadas de um elevador, olhando para um preguiçoso mostrador, quase nem nos damos conta do que acontece à volta. Toda a nossa atenção se concentra naquele objetivo simples de subir. Isso é bom, mas, se você olhar à volta por um momento, verá que há muitas outras pessoas querendo subir também, então, enquanto você espera, deixe-me apresentar uma delas: o pastor John Piper, um dos grandes pregadores da atualidade e autor de mais de 50 livros. Ouça o que ele diz:

Alguma vez você já se perguntou qual é a sensação de amar os perdidos? Este é um termo que usamos como parte de nosso

jargão cristão. Muitos crentes examinam seus corações sentindo-se reprovados, procurando a chegada de algum sentimento de benevolência que irá impulsioná-los para uma intensa evangelização. Isso nunca vai acontecer. É impossível amar "o perdido". Você não pode ter um sentimento profundo por algo abstrato ou conceitual. Você termina percebendo que é impossível amar profundamente uma pessoa desconhecida retratado em uma fotografia, e muito menos uma nação ou uma etnia ou algo tão vago como ‘todos os perdidos’.

Não espere por sentimentos ou amor para então falar de Cristo a um estranho. Você já ama seu Pai celestial, e você sabe que esse estranho foi criado por Ele, mas está separado de Deus, então dê os primeiros passos na evangelização por causa do seu amor por Deus. Basicamente, não é por compaixão pela humanidade que compartilhamos nossa fé e intercedemos pelos perdidos, é antes de tudo, por amor a Deus. *(http://www.goodreads.com/)*

Diretório

No térreo - 5
Você está aqui ☺ - 7
Subindo - 8

1º andar:	Indignação - 12
2º andar:	Objetividade - 10
3 º andar:	Liderança - 30
4 º andar:	Criatividade - 42
5 º andar:	Santificação - 51
6 º andar:	Perseverança - 62
7 º andar:	Produtividade - 71
8 º andar:	Alegria - 80
9 º andar:	Espiritualidade - 91
10 º andar:	Transparência - 101
11 º andar:	Ousadia - 110
12 º andar:	Generosidade - 120
13º andar:	Fidelidade - 132

O seu andar - 143
E agora? – 155

A leitura desse livro pode ser feita em 3 horas



subindo

"Esta afirmação é digna de confiança: Se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função." 1Timóteo 3:1

Um desses hábitos em uma cidade grande, e que passa completamente desapercebido, é ouvir em cada andar alguém gritar de dentro do elevador: subiiiiiindo! É claro que há mostradores que avisam o sentido em que o elevador vai. É claro que a pessoa sabe que sentido selecionou. Mesmo assim achamos que devemos avisar.

Paulo fez isso quando disse a Timóteo que quem se estica para alcançar ser supervisor (epíscopo), deseja uma coisa boa. Antes de começar a relacionar as exigências

de um alto padrão, Paulo avisa que ser um bispo era algo bastante elevado. Vou deixar para a leitura que vem a seguir a identificação da natureza missionária desse chamado. Basta agora você saber que esse livreto tem a mesma função: estou avisando você, de dentro do elevador, que é para cima que se vai para missões. Portanto, prepare-se para subir.

Há catorze anos, eu esperava passarem os últimos dias de 1999 para iniciar o ano 2000 trabalhando na visão missionária que Deus me deu: a AMME Evangelizar. Duas semanas de anos se passaram e nós já alcançamos 127 milhões de pessoas através de mais de 50 mil igrejas que motivamos, treinamos, suprimos e apoiamos para evangelizarem. Em sua infinita bondade Deus quis fazer da AMME Evangelizar a maior agência missionária do Brasil e nos concedeu realizar um projeto evangelístico de dimensões e de resultados incomparáveis. Neste último dia de 2013, começo um novo momento. Quero encontrar um grande número de novos missionários que nos ajudem a continuar e ampliar a obra que temos feito até aqui.

Estou devendo isso. Desde 2009, quando fui dirigido pelo Espírito a fazer um apelo para missões em nossa Escola de Liderança para adolescentes e jovens – Pacificadores, queria oferecer uma orientação objetiva e eficiente para jovens vocacionados. Naquela oportunidade, minha pequena fé viu quase metade dos alunos se espremerem espontaneamente na pequena sala que eu havia reservado. Não vou me esquecer dos rostos ansiosos da falta de expectativa que consumiu o primeiro amor por missões, e como a ansiedade foi substituída por esperança, na medida em que ministrei a Palavra de Deus.

Em 2012 tivemos outra experiência que afetou a vida de quase duas centenas de adolescentes e jovens. Durante quinze dias estudamos versículo por versículo, frase por frase, palavra por palavra o livro de Neemias. Estou certo de que é a porção das Escrituras que melhor ensina a desenvolver um projeto missionário. Foi maravilhoso ver quantos alunos foram inspirados a desenvolver projetos evangelísticos em suas igrejas e muitos desses projetos es-

tão funcionando para a glória de Deus. Ainda quero escrever um comentário sobre o livro de Neemias, mas, por enquanto, quando orei sobre o que poderia oferecer aos vocacionados para ajudá-los a decidir se entram ou não no elevador de missões, senti que o texto básico deveria ser esse.

Em razão do tempo e também da aplicação desse material, não serei muito extenso e me concentrarei mais no caráter do que nas funções. Quero apresentar apenas uma lição em cada capítulo, uma característica que o missionário deve ter, especialmente se desejar trabalhar conosco na grande obra que estamos fazendo na AMME Evangelizar. Suba cada um desses andares, avaliando se você tem aquela determinada característica. Se você puder subir todos os andares nós nos encontraremos em cima, porque Deus exige excelência em missões.

José Bernardo.
AMME Evangelizar



1° andar

indignação

"Quando ouvi essas coisas, sentei-me e chorei. Passei dias lamentando-me, jejuando e orando ao Deus dos céus."
Neemias 1:4

Quando pensamos na obra missionária, muitas pessoas querem saber como é 'o chamado missionário'. Muitas vezes se atribui grande valor a esse momento, como se devesse ser um momento místico e miraculoso. Diversas pessoas poderiam relatar eventos especiais que poderiam considerar seu chamado. Eu mesmo experimentei situações assim, quando adolescente, quando deixei minha carreira secular para pastorear e quando iniciei a AMME. Mas olhando para esses eventos, per-

cebo que eles não foram realmente o chamado. No primeiro capítulo vemos o que de fato deve ser considerado um chamado e o que impulsionou Neemias para cima, através das dificuldades.

Encontramos Neemias no final do ano 446 aC na fortaleza de Susa que fica onde hoje é o Irã, uma das mais antigas cidades do mundo, que já tinha quase quatro milênios de história naquela época e era sede do poderoso Império Persa. Neemias era um homem influente e riquíssimo e servia diretamente ao rei Artarxerxes, o quinto 'rei dos reis' da Pérsia. Ser o copeiro do rei não era ser o rapaz do cafezinho. Neemias tinha um cargo de confiança e seria uma das poucas pessoas que tinha acesso à intimidade do rei.

Neemias sabia que Judá havia sido invadida e destruída por Nabucodonosor da Babilônia cerca de oitenta anos antes. Então um parente veio visita-lo no palácio com uma notícia nova. O empreendimento do sacerdote Esdras para restaurar a querida cidade do Rei havia encontrado uma terrível resistência dos estrangeiros que agora

viviam na terra de Israel (Ed. 7:21-26). Através de intrigas os inimigos fizeram a obra parar e tornaram a situação terrível. Neemias ouviu sobre a situação de seu povo: *"passam por grande sofrimento e humilhação. O muro de Jerusalém foi derrubado, e suas portas foram destruídas pelo fogo."* Ne 1:3.

Houve muita esperança quando Zorobabel e depois Esdras partiram. O fim do cativeiro anunciado por Daniel, por Isaías e por Miquéias, parecia realmente haver chegado. Então, a notícia daquele fracasso foi tão forte que Neemias precisou sentar-se e ficou ali orando, cheio de indignação.

Esse foi o chamado de Neemias, e é o chamado de todo missionário: a indignação, o inconformismo, um sentimento de injustiça, a percepção de que algo está muito errado e a vontade de ver mudança. O pastor Bill Hybels escreveu sobre isso em seu livro 'Descontentamento Santo'. Gosto do título, porque sugere a grande diferença entre o descontentamento comum e essa indignação que podemos identificar como o chamado missionário.

Notamos essa diferença na vida de Neemias. Sua indignação não o levou a conspirar contra o rei, não o levou a unir-se a um partido de oposição. Neemias não saiu fazendo protestos pelos direitos humanos, nem planejou organizar uma ONG. Primeiro ele foi apresentar o assunto ao Trino Deus dos Céus (porque os outros deuses são da terra). Depois ele ouviu Deus ao meditar no livro de Deuteronômio, e lembrou de várias passagens que o orientaram no direcionamento de sua indignação.

Eu comecei a pregar aos sete anos de idade. Em um dia frio, quando havia pouco mais do que minha família no pequeno salão em que congregávamos, preguei minha primeira mensagem, indignado de que ainda houvesse pessoas que adoravam ídolos e não o Deus vivo.

Aos dezesseis anos eu decidi ir para o seminário e preparar-me melhor. Eu estava indignado com a competição desesperada por status em que via meus colegas envolvidos, destruindo e sendo destruídos. Achei que precisava devotar a minha vida a algo que tivesse mais valor.

Aos trinta anos deixei minha carreira como diretor de uma boa empresa que havia ajudado a erguer. Eu estava pastoreando em tempo parcial, havia convidado um grupo de jovens missionários para treinar nossa igreja em evangelização e estava indignado por estar preocupado com coisas materiais enquanto tanta gente estava escravizada às drogas e à violência do crime organizado em nossa região.

Quatro anos mais tarde, em 1997, olhando para a realidade da Igreja Brasileira, a fraqueza doutrinária, os escândalos, a falta de santidade e de compromisso com a vontade de Deus, eu entrei em um período de grande lamento. Eu chorava todos os dias, clamava, suplicava, insistia até que no dia 11 de agosto de 1997 o Espírito de Deus se moveu dentro de mim de uma forma impressionante, me impulsionando a avançar. Então me senti dirigido a estudar a Segunda Carta de Paulo a Timóteo, onde percebi que o apostolo via o mesmo cenário que me causava indignação, e orientou Timóteo a trabalhar pela evangelização. Esse foi o meu chamado, não o dia memorável em que o Espírito Santo se comoveu

dentro de mim, a indignação que senti junto com a esperança de ver mudança.

Essa indignação em ver a Igreja apática, enfraquecida, contaminada, esse descontentamento é permanente companheiro. É isso que me permite dizer que fui chamado: a indignação e a esperança bíblica de mudança. Essa é a razão de eu pregar a tempo e fora de tempo. Esse é o motivo de eu repreender, corrigir, exortar e perseverar nessas coisas. Posso dizer que a indignação é o chamado.

Tenho dito aos jovens apaixonados por um povo, um país, suas paisagens, sua cultura, que o chamado deles é para o turismo. Sendo guias turísticos poderão divertir-se muito em seu trabalho. Já o chamado para missões consiste na indignação contra o pecado, contra a injustiça. O chamado para missões é apresentar essa dolorosa indignação em oração para ouvir a orientação de Deus em sua Palavra. O chamado para missões é um furioso impulso para fazer algo conforme a Deus diz, segundo a vontade dele. Examine seu coração e veja se você tem um chamado missionário.

Esse é o primeiro andar na subida para missões, por isso definimos nossa visão na AMME Evangelizar como 'chamando as igrejas ao primeiro amor, ajudando-as a fazer as primeiras obras'. Essa visão está baseada na carta de Jesus ao anjo da igreja em Éfeso: *"Contra você, porém, tenho isto; você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu. Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele."* Ap 2:4,5. O Senhor de missões está indignado e nós também estamos.

As cartas de Jesus às igrejas da Ásia tem severas advertências contra o pecado e a injustiça, mas estão cheias de esperança. O propósito daquelas cartas é produzir mudança e por isso são endereçadas ao 'anjo da igreja'. O anjo ou mensageiro da igreja era o título do pregador nas sinagogas e a Igreja Primitiva foi influenciada por aquela liturgia. Jesus endereça suas cartas aos pregadores, pois são eles que têm a responsabilidade de produzir a mudança que se requer, através da pregação do Evangelho do Reino.

Para ser um missionário da AMME Evangelizar é preciso sentir que recebeu essas cartas em primeira mão, é preciso indignar-se com a situação da Igreja como Jesus está indignado. É preciso querer, como Jesus quer, que a Igreja retorne ao primeiro amor e faça as primeiras coisas e então pregar até ver essa mudança acontecer.

Se você sente essa santa indignação, se está revestido de esperança no poder salvador do Evangelho, se você tem esse chamado para levar a Igreja Brasileira de volta à santidade e à evangelização, então a AMME é a melhor agência missionária para você: essa é a nossa missão.



2° andar

objetividade

"O rei me disse: O que você gostaria de pedir? Então orei ao Deus dos céus..."
Neemias 2:4

O que você vai ser quando crescer? Poucas crianças diriam que querem ser missionários e poucos pais as levariam a sério se o dissessem, particularmente nesses dias em que há tanta competição para ser rico e popular. Então como alguém decide que quer ser missionário, que tipo de missão quer fazer? Onde deseja ir? Com quem pretende falar? Essa é uma tarefa bastante difícil, mas, sem responder a perguntas assim, o potencial missionário não sai do segundo andar. Ninguém cresce sem saber o que quer ser.

Depois de quatro meses de muito choro, lamento, jejum e clamor, Neemias aparece triste diante do rei pela primeira vez. Isso tem muito a dizer sobre a santa indignação que ele sentia. Mas agora havia uma razão para comunicar a tristeza que antes só apresentara a Deus, e ele orou sobre isso: *"Faze com que hoje este teu servo seja bem-sucedido, concedendo-lhe a benevolência deste homem."* Ne 1:11. Neemias finalmente decidira apresentar o assunto ao rei e isso causava certa tensão.

Antes de tudo Neemias iria pedir que o rei voltasse atrás em uma decisão tão recente como a de mandar parar a reconstrução que Esdras estava fazendo. Sente-se também o clima difícil que sua preocupação gerava. Os reis daquela época viviam sob o medo de uma conspiração de morte e deviam ficar atentos a qualquer sinal de traição. Depois, o que Neemias planejava pedir não era de forma alguma pouco. Havia muitas razões para estar tenso.

Ele apresentou o assunto de modo emocional, afinal era sobre a sua cidade, a cidade em que seus pais estavam sepultados.

Mas, quando o rei lhe perguntou sobre o que gostaria de pedir, Neemias tinha uma lista precisa: queria autorização para reconstruir a cidade, um prazo de dispensa do serviço, cartas de apresentação para autoridades, madeira em determinada quantidade (ele sabia até mesmo o nome do oficial a quem deveria procurar para isso), e outras coisas que ficaram subentendidas, como a escolta de oficiais e cavaleiros que recebeu – tudo apresentado com habilidade inspiradora.

Neemias começa sua história cheio de emoção e revela ser um homem apaixonado em tudo o que fazia, mas, quando chega o momento, ele sabe o que quer, sabe ser exato em seus alvos. Neemias não ficou só no sonho, só no 'quem me dera'. A objetividade que demonstra percorre todo seu livro. Ao relatar sua passagem pelos territórios além do Rio Eufrates, onde as cartas para os governadores devem ter sido muito úteis para prevenir retaliações como a que Esdras havia sofrido, fica mais uma nota da objetividade, a declaração de propósito de Neemias: *"havia gente interessada no bem dos israelitas"* Ne 2:10.

Depois, quando chegou em Jerusalém, mal se refez da viagem já foi fazer uma inspeção para detalhar seu plano e, quando finalmente falou com os líderes na região, tinha uma proposta tão bem elaborada quanto a que apresentara ao rei, e a reação foi muito positiva.

A mesma objetividade transparece em seus relatórios de investimento, na nomeação de pessoas, nos procedimentos e nos padrões que estabeleceu. As pessoas que doavam, cooperavam ou ajudavam Neemias sabiam exatamente o que esperar dele e o que ele esperava delas. Não é de admirar que os objetivos que definia fossem alcançados com precisão e dentro dos melhores prazos.

A objetividade de Neemias era resultado da oração. Ele era um homem que orava sem cessar, longamente se tivesse oportunidade, ou rápida e silenciosamente como quando o rei lhe perguntou o que queria. Vemos Neemias orando sempre e isso o ajudava a definir seus objetivos. A leitura bíblica é outro fator em suas decisões. Vimos no primeiro capítulo o quanto a me-

ditação em Deuteronômio o ajudou a definir-se sobre o que fazer, e essa leitura pragmática das Escrituras ainda vai aparecer mais vezes. Neemias lia a Bíblia para praticá-la e isso também o ajudou a definir os seus objetivos.

Muita gente confunde objetividade com ambição e ganância. Mas Neemias não estava tentando ficar rico ou acumular poder. Neemias estava interessado no bem dos israelitas pois era nisso que Deus também estava interessado.

É da bondade de Deus que Neemias dependia para atingir seus objetivos. Ele queria alcançar o que Deus quisesse lhe dar. Antes de falar com o rei Neemias orou para que Deus operasse o seu sucesso (1:11). Quando conseguiu todos os itens da caríssima e ousada lista que apresentou ao rei ele explicou assim o resultado: *"Visto que a bondosa mão de Deus estava sobre mim, o rei atendeu os meus pedidos."* Ne 2:8. Ao testemunhar o sucesso para motivar as pessoas para o próximo objetivo ele deu o crédito a Deus: *"Também lhes contei como Deus tinha sido*

bondoso comigo..." Ne 2:18. Diante do desprezo dos inimigos diante dos novos e grandiosos objetivos Neemias faz tudo depender de Deus: *"O Deus dos céus fará que sejamos bem-sucedidos."* Ne 2:20.

Deixe-me dizer isso: 'viver pela fé' é uma expressão comum no contexto de missões. Na maioria das vezes significa viver sem objetivos, sair por ai sem eira nem beira. Precipitação dos que vão, comodismo dos que ficam, essa é uma razão de muita gente não querer fazer missões. Mas viver pela fé não é isso. Sem me aprofundar no riquíssimo contexto de Habacuque, é fácil ver na carta aos Hebreus que fé nessa expressão significa fidelidade à vontade de Deus. Ou seja, receberemos a vida abundante que Deus nos promete se perseverarmos firmes em fazer o que Deus quer. Isso é viver pela fé, e logo em seguida ouvimos a sublime definição: fé é certeza e é prova. Para viver pela fé é preciso saber sem dúvida qual é a vontade de Deus.

Assim fica fácil mandar um monte para o meio do mar (Mt 17:20,21), outra expressão tão comum em missões. Os vocacio-

nados ficam maravilhados com os enormes objetivos alcançados pelos missionários. Ainda hoje não é fácil enviar mais de 800 missionários como Hudson Taylor enviou para o interior da China, Ainda hoje não é fácil ir de uma costa à outra da África, do Atlântico ao Índico, como fez o Dr. Livingston, nem cuidar de mais de 10.000 órfãos, fundar 117 escolas e educar 120.000 crianças pobres como fez George Müller. Eles mandaram muitos montes para o meio do mar e os montes foram. Mas o segredo não estava no tamanho da fé deles, ela era do tamanho de um grão de mostarda. O segredo é que pela fé eles sabiam com certeza e com prova qual era a vontade de Deus. Se em nossa intimidade com Deus sabemos que Ele quer mandar um monte para o meio do mar, podemos simplesmente dizer e ele irá.

Porém não basta saber essas coisas, é preciso experimentá-las. Se você me perguntasse no início do ano 2000 eu lhe diria que sabia disso, mas o primeiro ano da AMME foi dificílimo. Eu não atingi os objetivos com que sonhei. Não cheguei nem perto de ajudar as igrejas brasileiras a

cumprir sua missão bíblica de evangelizar todo mundo. Minha esposa, meus filhos ainda pequenos e eu copiamos, dobramos, colamos e enviamos milhares de cartas. Escrevi a cada pastor de quem conseguimos o endereço, oferecendo ajuda para a evangelização. Em setembro daquele ano, a primeira e única igreja que pudemos ajudar abriu as suas portas. Terminamos o ano com apenas uma igreja ajudada e seis mil pessoas alcançadas. No final daquele ano entrei em um período de jejum e oração, ouvi e segui a orientação de Deus e no ano seguinte, em 2001, pudemos ajudar mais de 450 igrejas em 8 estados e alcançamos cinco milhões de pessoas.

Quantas carretas você acha que fizemos circular pelo Brasil carregando material evangelístico? Quantas centenas de metros cúbicos de armazenagem já utilizamos em todo o país? Quantos milhões de reais você acha que foram necessários para imprimir tanta literatura colorida e de alta qualidade? Quantas milhas aéreas você imagina que já voamos? Quantos eventos de treinamento você pensa que foram necessários? Você tem ideia de quantos mi-

lhares de pessoas já treinamos? Pode estimar a multidão de pessoas que encontraram Cristo e foram transformadas? Nós não temos riqueza, mas as montanhas continuam sendo removidas, obstáculos são superados e os objetivos são alcançados. Enquanto os objetivos foram os meus, nada alcancei. Quando busquei os objetivos de Deus tudo se realizou.

Fazer missões exige clareza de objetivos. Um missionário deve saber onde quer chegar, que resultados deseja obter. Contudo, seus objetivos precisam ser os objetivos de Deus e é preciso busca-los na oração, no jejum e na Palavra de Deus.

Se você não sabe definir objetivos, dá tiro para todo lado, não tem disciplina, se não se define, se não se decide, se não sabe o que quer, você fica nesse andar. Se você define objetivos conforme sua própria ganância, se é escravo de suas ambições, se você mede o seu sucesso como o mundo mede, você fica nesse andar. Você só pode ir para o próximo nível em missões se estiver disposto a descobrir os objetivos de Deus e fazer disso a sua própria vontade,

o seu maior desejo. Quando alguém perguntar o que você quer, você deve dizer que quer a vontade de Deus. Esse é o exemplo de Jesus, esse é o Reino dos Céus: *"Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres."* Mateus 26:39.

Se você chegou a esse andar, não vai querer descer, não vai desejar nada menos do que fazer a obra de Deus. Se quer fazer a vontade de Deus e não a sua própria, você tem um verdadeiro chamado para missões.



3° andar

liderança

"O sumo sacerdote Eliasibe e os seus colegas sacerdotes começaram o seu trabalho e reconstruíram a porta das Ovelhas. Eles a consagraram e colocaram as portas no lugar. Depois construíram o muro até a torre dos Cem, que consagraram, e até a torre de Hananeel." Neemias 3:1

Há um mito que persegue missionários tão frequentemente que eu começo a me perguntar se isso não seria algum tipo de psicopatologia ou uma falha de caráter típica: estou falando do mito do missionário incompreendido. De repente o sujeito resolve ser missionário, sem aviso prévio, sem comunhão, sem comunicação. Resolve que deve ir para um lugar de que sua famí-

lia nunca ouviu falar e de um jeito que seus líderes não aprovam. O surto é tão forte que nenhum conselho é válido, nenhuma palavra é de Deus, nenhuma orientação é bem vinda. A pessoinha se sente incompreendida, resolve ir sozinha e sempre se perde. O terceiro capítulo do livro de Neemias mostra uma realidade muito diferente para a realização de um grande projeto. Vamos ver como Neemias lidou com muitos grupos e centenas de pessoas, e como aproveitou essa diversidade para realizar os objetivos de Deus.

Uma cidade sem muros ou proteção não servia para ser habitada. Poderia ser invadida a qualquer momento por hordas de assaltantes do deserto e perder tudo. As pessoas com mais recursos não morariam ali, nem desenvolveriam seus negócios em um lugar assim. A cidade ficaria humilhada, habitada apenas pelos miseráveis. Era o que acontecera com Jerusalém. Intrigas haviam parado violentamente o trabalho de reconstrução (Ed. 7:21-26). As portas, pontos mais frágeis e mais estratégicos de uma muralha foram queimadas e o fogo enfraqueceu a argamassa das paredes

duplas, fazendo-as ruir e espalhar o entulho. Neemias precisava restaurar os muros para ver Jerusalém se reerguer, ser novamente habitada e continuar representando a esperança do povo de Israel.

O projeto era muito caro e muito difícil. Olhando de fora era impossível realizar aquele trabalho, ainda mais realiza-lo bem. Como Neemias conseguiu, e em tão pouco tempo? A resposta que recebemos é uma lista de nomes e partes dos muros que restauraram. Neemias fez o que parecia impossível porque contou com as pessoas. Pessoas de todos os níveis sociais, de todas as profissões, de todos os lugares, trabalharam lado a lado, com um único ideal. Foi assim que Neemias realizou grandes coisas: liderando.

À primeira vista a lista parece monótona, como qualquer lista. Mas um pouco de atenção revela coisas muito interessantes. O primeiro nome que aparece é o do sumo-sacerdote Eliasibe e os sacerdotes sob sua liderança. Na falta de um rei, o sumo-sacerdote não tinha concorrente como a autoridade mais importante naquela comu-

nidade. Mesmo ele se submeteu ao comando de Neemias, e ainda usou sua autoridade para fazer cooperarem os homens sob suas ordens. Isso é ainda mais significativo quando você pensa em como os sacerdotes eram pessoas separadas, sempre vestidos de roupas finas, dedicados ao sofisticado trabalho do templo. Agora eles estavam carregando pedra, serrando madeira, lidando com ferragem. Eles foram um bom exemplo para os outros habitantes, e o fato de consagrarem cada trabalho que fizeram, determinou não somente um ritmo, mas também o santo propósito que deviam seguir.

Oposto ao exemplo do sumo-sacerdote, vemos que os aristocratas de Tecoa, cidadezinha 17 quilômetros ao sul de Jerusalém, não quiseram se submeter à liderança e fazer o trabalho braçal (Ne 3:5). Ficaram sós: as pessoas que eles deveriam liderar foram sem eles, entusiasmadas pela unidade de propósito que unia a todos, e repararam não somente um, mas dois trechos do muro (Ne 3:27). Isso tem muito a dizer sobre a capacidade de liderança de Neemias em superar divergências.

No verso oito encontramos o Uziel, ourives, e o Hananias, perfumista. São duas profissões que exigem precisão, delicadeza, habilidades finas. Dificilmente aqueles homens estariam em condições físicas para o trabalho pesado de construção, mas é interessante como o esforço deles é relatado: *'eles construíram Jerusalém'*. A liderança de Neemias animou aqueles homens a irem além do que se poderia julgar que eram capazes e eles não apenas puseram algumas pedras no lugar. Eles foram parte de um projeto muito maior.

Impressiona ver quantas vezes se repete a palavra 'governador' entre os que trabalharam naqueles muros. Todos os governadores de Judá parecem ter se reunido ali. Eram os '*sar'*, príncipes ou chefes políticos, de distritos em melhores condições do que Jerusalém, que deixaram suas propriedades e afazeres, para se submeterem à liderança de Neemias. Eles não estavam ali obrigados, não foram comprados com promessas ou com dinheiro. Eles se dedicaram a um trabalho humilde e pesado, em condições precárias, em situação de risco, e a razão disso foi a liderança de Neemias.

Quando se pensa que se viu o máximo da diversidade nessa lista, Neemias relaciona mais um grupo excepcional. Salum, governador de parte do distrito de Jerusalém teve a ajuda de suas filhas. Fico pensando onde estariam os filhos desse governador. Pode ser que tivessem morrido na defesa de Jerusalém, meses antes. É uma possibilidade. Seus genros não são mencionados, então, suas filhas poderiam ser ainda muito jovens. Delicadas filhas de Jerusalém carregando pedra para ajudar o governador, seu pai, a construir o muro. Isso fala de superação de limites, de diminuição de diferenças, de unidade civil, de unidade familiar, de obtenção de resultados. Esse é o efeito que a liderança de Neemias causava nas pessoas!

Houve quem trabalhasse em frente à sua casa e quem viesse de muito longe. Houve gente que trabalhou nos limites de seus interesses e quem fez o que interessava a outros. Houve os que só puderam reconstruir um pequeno trecho, outros fizeram centenas de metros ou até dois trechos. Havia equipes de apenas uma família e chefes com muitos empregados. Havia

alguns trabalhadores bem inexperientes e aqueles que conheciam bem o trabalho. Essa obra admirável contou com jovens e velhos, homens e mulheres, trabalhando lado a lado, desde a porta das ovelhas para oeste e para o sul com o sumo-sacerdote, dando a volta na cidade até a porta das ovelhas novamente, agora com os ourives e os comerciantes: e o trabalho todo foi feito em 52 dias (Ne 6:15).

Uma liderança eficaz como a de Neemias deve nos inspirar no trabalho missionário. Ela corresponde ao que Jesus ensinou aos seus discípulos sobre liderar: *"...Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos."* Mt 20:25-28. Há cinco importantes princípios aqui e é a vontade do Senhor que os coloquemos em prática para que a obra que ordenou seja realizada.

Princípio da cooperação: *"Não será assim entre vocês".* É interessante notar que, ao falar sobre os chefes e os grandes fora do novo Israel que se assenhoreiam e controlam as pessoas, Jesus usa duas vezes a preposição *gr. Kata*, com o significado de sobre ou contra. Fica claro que, tanto pelo substantivo como pela preposição, os primeiros e os grandes pertencem a uma classe e o povo que se torna sua propriedade e domínio pertence a outra. Ao se referir aos seus discípulos, porém, Jesus usa sempre a preposição *gr. en*, que significa dentro, com, ao lado. Portanto, a verdadeira liderança é exercida dentro de um corpo, um grupo, uma classe, uma comunidade da qual participamos. Para liderar é preciso estar no mesmo lugar, na mesma situação das pessoas que lideramos.

Princípio da utilidade: *"quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo".* Por duas vezes Jesus usa o vergo *gr. theló*, indicando um desejo legítimo pelo que é bom. Então não é ruim desejar se tornar grande (a mesma palavra usada para os grandes entre os gentios, mas com ênfase no processo), a questão é de que

modo se alcança esse objetivo. Entre o povo de Deus, alguém se torna grande quando é diácono dos outros. A construção dessa palavra que incorporamos em nosso vocabulário é pitoresca. Diácono é aquele que 'levanta poeira', dando a entender a diligência e operosidade com que trabalha. Portanto, enquanto entre os gentios os primeiros são os que comem, os que são carregados, os que são protegidos, entre nós, são os que fazem a comida, os que suportam o peso e os que garantem a segurança. Lidera quem é útil, quem não é útil é finalmente descartável.

Princípio da disposição: *"quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo".* Novamente é uma boa coisa desejar ser primeiro, e aqui Jesus usa, ao invés da ideia de ser aquele que manda como entre os gentios, a de se quem chega antes. Então, no reino, consegue-se chegar primeiro sendo *gr. doulos*, um escravo, alguém que vive em função dos outros, que não atende sua própria necessidade e vontade, mas o que os outros precisam ou desejam. Portanto o verdadeiro líder é aquele que está à disposição dos outros. Uma tradução possível

desse termo para o inglês seria o *ig. waiter*. Não temos algo parecido no português, mas é muito inspirativo: significa literalmente 'aquele que espera'. Isso é um líder, alguém que está pronto para atender a quem necessita ou solicita.

Princípio do modelo: *"como o Filho do homem, que não veio para ser servido".* Jesus usa um advérbio intensificado que seria mais bem traduzido como 'justo e exatamente como'. Jesus enfatiza que ele é modelo para a verdadeira liderança, e a ideia de ser um exemplo que os outros devem imitar é aplicada aos crentes dai por diante. Falaremos mais sobre isso no 10º andar – Transparência.

Princípio do resultado: *"para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.".* A ideia de resgate é a de um preço que é pago para libertar uma pessoa, ou do sacrifício que livra alguém de sua culpa. A ênfase aqui está sobre o que se produz. Jesus veio para produzir libertação. É assim que se destaca o líder cristão, ele produz um benefício espiritual para as pessoas que lidera e para isso empenha sua vida.

Quando leio Jesus dizendo que somos a luz do mundo e que devemos estar no lugar apropriado para iluminar a todos (Mt 5:14,15) sei que todos os cristãos são chamados à liderança. Chamo essa função de iluminar a vida de outras pessoas como liderança evangelística. Para liderar, a lâmpada precisa estar no mesmo ambiente de trevas que as pessoas, precisa ser útil produzindo luz, precisa estar onde todos tenham acesso a ela, precisa ser a referência e produzir um resultado que afete a vida das pessoas. Nesse processo a lâmpada se desgasta.

É exatamente isso que as pessoas rejeitam quando caem na armadilha do 'missionário incompreendido'. Essa síndrome que isola a pessoa e a deixa solitária em missões está relacionada à dificuldade de ocupar a posição de servo, por egocentrismo ou por egoísmo. Por egocentrismo quando se protegem da frustração, com medo de andarem com os outros e serem traídas ou desprezadas. Por egoísmo uqando buscam realizar seus próprios sonhos e atender suas próprias necessidades, ignorando os outros.

Avalie sua capacidade de liderança. Qual sua aptidão para realizar coisas através das pessoas? Quanto interesse você tem de conduzir pessoas à satisfação? Se você ainda é como um adolescente desajustado que ao pedido de trabalho em grupo diz 'professora, posso fazer sozinho?', você não serve para missões. O inimigo tentará isolar você, fazendo com que acredite serem seus desejos a própria voz de Deus. Resista! Deixe o ouvido ouvir, deixe a boca falar, deixe o olho ver, e quando chegar a sua hora, lidere conforme a graça que recebeu como membro (Rm 12:1-10).

Missões é um projeto coletivo. É como em Antioquia: *"Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo* (a todos)*: Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado."* At 13:2. Suspeite de uma voz que só você ouve, rejeite um trabalho que só você pode fazer. Permaneça no Corpo de Cristo, é ai que acontece a liderança que realiza grandes coisas para Deus. Para subir além do terceiro andar no elevador de missões você deve ser capaz de liderar biblicamente.



4° andar

criatividade

"... e cada um dos construtores trazia na cintura uma espada enquanto trabalhava; e comigo ficava um homem pronto para tocar a trombeta." Neemias 4:18

Alguns jovens tem uma visão idealizada da obra missionária, talvez porque muitas biografias são escritas com o objetivo de exaltar as qualidades de um missionário. Na mente das pessoas fica a idéia de que tudo funciona sem problemas em um grande projeto de evangelização. Não fica claro que há contratempos, oposições, faltas, dívidas, cortes, ausências, riscos e acidentes e que um missionário deve ter criatividade que lhe permita enfrentar todos esses problemas. No capítulo quatro vemos que

forte e destrutiva oposição Neemias precisou enfrentar, e que recursos utilizou para superar e vencer.

Judá estava sob domínio do poderoso Império Persa. Como era costume naquele tempo, terras conquistadas eram recolonizadas com a movimentação de povos de um lado para outro, dessa forma a resistência das pessoas era quebrada e nunca havia unidade suficiente para ameaçar o domínio do conquistador. Por isso Judá estava cercada de líderes opositores: ao norte, Sambalate, o líder dos samaritanos; a leste, Gesém, o príncipe de uma coligação de tribos árabes; ao sul, Tobias, o líder dos amonitas. Inimigos assim já haviam parado aquela obra uma vez, e agora queriam impedi-la novamente. Somente neste capítulo quatro tentativas, com diferentes estratégias, são relatadas. Contra cada uma Neemias criou soluções eficazes.

A oposição tinha um sistema de informação sobre tudo o que acontecia em Jerusalém. Sabemos que havia um indecente leva e traz com vários agentes duplos ao redor de Neemias. Baseada nessas infor-

mações, a primeira estratégia foi a zombaria. Ridicularizar pode destruir a confiança, causar descrédito e assim enfraquecer. Sambalate parece ter organizado um desfile militar ou algum tipo de festa que reuniu os aliados e suas tropas em uma demonstração de força e ali desmereceu e ridicularizou o trabalho e o esforço dos judeus. Diante dessa situação, Neemias primeiro orou. Ele também meditou nas Escrituras pois cita Jeremias em sua oração (Jr 18:23). Além disso, enquanto o inimigo não avançava, Neemias aproveitou o tempo e tomou a decisão de distribuir os esforços de modo que ao invés de avançar em alguns setores, todo o muro crescesse por igual, assim, logo ofereceu alguma proteção. Essa capacidade de antecipação está implícita em uma guerra de nervos que nunca avançou, muito possivelmente por causa daquelas cartas que o copeiro do rei pediu lá no primeiro capítulo, e que deve ter passado para entregar a Gesém, Sambalate e Tobias antes de chegar a Jerusalém. Santa criatividade! (Ne 4:1-6).

A segunda estratégia do inimigo foi o complô. Começou com a aquisição de reforços

que Sambalate deveria estar pleiteando a algum tempo. Pela primeira vez são citados os 'homens de Asdode' poderosa cidade a oeste, na Filístia. Assim Jerusalém estava agora cercada por todos os lados. A espionagem continuou trabalhando a favor do inimigo e eles usaram as informações para planejar o ataque. A idéia era um ataque massivo que provocasse confusão entre os judeus, e facilitasse a vitória (Ne 4:7,8). Neemias aproveitou o tempo e identificou pontos estratégicos que tratou de reforçar enquanto o muro continuava a subir. Diante do complô ele novamente orou, e o "*nós oramos*" nos mostra que ele não somente orava, como também envolvia a outros na oração. Ainda, sem nunca distinguir entre medidas espirituais e materiais, ele determinou turnos de permanente vigilância. Orou e vigiou! (Ne 4:7-9).

A terceira estratégia do inimigo foi a intimidação. Logo ficamos sabendo como isso funcionou: estava todo mundo dizendo que era impossível cumprir a missão. O povo estava desmotivado e isso o fazia sentir-se cansado. Vieram também as ameaças de ataque surpresa, de morte e de destruição.

O sistema de informação também pode ser uma arma, principalmente quando semeia desinformação e aprofunda ainda mais a desmotivação e o medo. Mas Neemias era criativo, ele tinha sempre uma nova solução desenvolvida sob medida para os desafios que enfrentava. Primeiro identificou novos pontos que precisavam de reforço e escolheu pessoas que moravam por ali para obter maior comprometimento com a vigilância. Ele também guarneceu estes pontos com três cargas: arcos para ataques a longa distância, lanças para meia distância e espadas para a luta corpo a corpo. Depois fez ainda outra avaliação da situação, e um forte discurso motivacional. (Ne 4:10-14).

Agora a informação funcionou a favor de Judá. O inimigo foi desarticulado e recuou, mas é então que Neemias organiza sua estratégia mais intensiva. O fato é que a aparente ausência do inimigo implica em uma tensão ainda maior. Um amigo que viveu a infância no Oriente Médio me disse que dormia melhor sob o som de bombardeios, pois assim era possível saber onde as bombas estavam caindo. O silêncio era

aterrorizante. Neemias respondeu ao silêncio: distribuiu os homens por várias funções, incrementou o equipamento defensivo (escudos para lanceiros, couraças para arqueiros), garantiu o apoio da liderança (liderança de servos), adaptou armamento e estratégias às funções dos construtores para otimizar o rendimento e estabeleceu um sistema de alarme e pronta resposta. (Ne 4:15-22).

Criatividade é imprescindível na obra missionária. Estamos em uma guerra espiritual e somos atacados todos os dias de todas as formas. A pior coisa que nos poderia acontecer é ficarmos lamentando e imaginando como as coisas deveriam ser ao invés de nos reorganizarmos para obter o melhor resultado em cada contingência ou situação que enfrentamos.

Na AMME Evangelizar esse é um tema prioritário. Temos estudado, pesquisado, experimentado e ensinado sobre criatividade. Desde 2004 passamos de adaptar para desenvolver programas evangelísticos que alcançaram milhões de pessoas. Desenvolvemos soluções para ajudar as

igrejas a lidarem com a violência doméstica, a autoestima, o *bullying*, as escolhas e outros temas semelhantes. Estes programas envolveram textos, ilustrações, design, web-design, treinamento, publicidade e modelos de distribuição.

Também, para administrar um ministério como o nosso e atender milhares de igrejas, a nossa equipe deve criar todos os dias dezenas de soluções para comunicação, logística, finanças e relacionamentos. É a sequência bem sucedida de soluções criativas que impulsiona os resultados de nossa agência missionária. Além disso, em programas de capacitação como a EAE - Escola Avançada de Evangelização, temos ensinado criatividade a centenas de líderes de evangelização em todo o Brasil.

Quero que você se inspire na história de Neemias e, sobretudo, no exemplo dele para ser um missionário. Creio que a extraordinária criatividade de Neemias está associada ao seu insuspeito compromisso com aquele projeto: *"Eu, os meus irmãos, os meus homens de confiança e os guardas que estavam comigo nem tirávamos a*

roupa, e cada um permanecia de arma na mão." Ne 4:23. Afinal, ninguém cria quando não precisa. Criatividade é a capacidade humana para solucionar problemas que se têm e suprir necessidades que se sentem.

Além do compromisso a criatividade demanda flexibilidade. A pessoa criativa não tem pena de fazer mudanças, não fica reclamando e querendo deixar tudo como está. A mudança sem propósito é improdutiva, e um líder a evita a todo custo, mas, quando chega a hora de mudar, o verdadeiro líder é rápido, preciso e intenso.

Isso nos leva ao terceiro elemento da criatividade, a sintonia. Diferente do que se poderia crer, a pessoa criativa vive no mundo real, está sintonizada com os fatos à volta, de modo que a criatividade é aplicada sobre as informações, como resposta a riscos e oportunidades conhecidos. A criatividade utiliza os recursos disponíveis para produzir resultados.

Por agora deixe-me dizer a você que todas as pessoas são criativas, você também. Cheguei à conclusão de que há quatro

estilos de criação e um deles deve ser o seu: há pessoas que criam por ordenação, elas arranjam as coisas em uma nova ordem e acham a solução; outros criam por adaptação, vão ajustando, melhorando, até chegarem a algo que serve, que funciona; há quem crie por síntese, misturando coisas que outros não misturariam; também há os que criam por tentativa, insistindo de diversas formas até funcionar.

Então o problema não é falta de criatividade. Usar ou não a criatividade que se tem depende disso: compromisso, flexibilidade e sintonia. A obra missionária não é lugar para quem desiste antes de tentar, nem para quem reclama ao invés de agir, nem para quem quer viver um conto de fadas. Se você não consegue se envolver plenamente com o que está fazendo, se não quer ser flexível e se prefere evitar a realidade, você não será capaz de usar a criatividade que tem, vai parar no quarto andar, sem poder subir para missões.



5° andar

santificação

"Por isso prossegui: O que vocês estão fazendo não está certo. Vocês devem andar no temor do nosso Deus para evitar a zombaria dos outros povos, os nossos inimigos." Neemias 5:9

Um grande erro dos obreiros é deixar que as pessoas acreditem que eles são especiais, uma raça diferente, definitivamente santos. Isso estabelece alvos inatingíveis que, ao invés de inspirar, desanimam. Essa é uma herança do catolicismo romano, onde os clérigos se vestiram de uma aura de mistério e fantasia para gerar dependência e domínio. Mais recentemente, porém, no meio evangélico, há um movimento de pêndulo, e isso sempre leva ao outro

lado do erro. Eu me refiro aos vícios da 'supergraça', heresia em que a santificação é deixada de lado em favor de um perdão extra bíblico, tão abrangente e tão inclusivo que é desgraça para quem se deixa enganar. Neste quinto capítulo de Neemias vamos observar a importância da santificação e quanto ela importa para o Deus que é santo e que ama os pecadores.

O capítulo cinco, que estamos examinando agora, começa muito parecido com o capítulo quatro, apresentando uma ameaça ao projeto missionário do povo sob a liderança de Neemias. Lá a ameaça vinha de fora, dos inimigos estrangeiros que cercavam Judá por todos os lados. Aqui a ameaça vem de dentro, do pecado dos próprios judeus envolvidos no trabalho.

O povo, homens e mulheres, começou reclamar. Parece que houve todo tipo de manifestações e as mulheres tiveram um papel importante nesse movimento de protestos. Três classes econômicas parecem ter se mobilizado. A classe 'D', mais numerosa, estava reclamando por não ter o que comer. A classe 'C', dos pequenos agricul-

tores tinha hipotecado suas pequenas propriedades para comprar comida e agora corriam o risco de perder tudo. A classe média estava endividada por causa dos impostos. Em alguns casos o problema era tão grave que alguns filhos foram entregues como escravos e não havia como resgatá-los pois já não havia atividade econômica. A concentração de renda da classe 'A' estava trazendo graves problemas sociais não somente para as pessoas com menor poder aquisitivo, mas também para toda a economia da região. Havia o risco de que Jerusalém fosse restaurada, mas não houvesse mais uma economia para funcionar naquela estrutura.

Em termos legais estava tudo correto. Os ricos não podiam ser acusados de qualquer crime. Os termos que Neemias usou para se referir a rendas, juros, empréstimos, penhor, sugerem que as negociações eram legítimas. O problema é que o resultado era inaceitável. Esse é o conflito que enfrentamos diariamente como cristãos. As leis e normas que ordenam nossa vida em sociedade são produto de mentes contaminadas pelo pecado e, por isso, trazem a

marca da iniquidade. Quando nos limitamos a obedecer a leis humanas desagradamos a Deus, certamente. Como servos de Deus devemos ir além do que a lei determina. É como disse Jesus: *"se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus."* Mt 5:20. Paulo, da parte de Deus, nos chama a um padrão de superior excelência produzido em nós pela ação do Espírito Santo e diz: *"Contra essas coisas não há lei."* Gl 5:23.

Os procedimentos eram legais, estavam de acordo com a justiça do mundo, satisfaziam às leis e às práticas comerciais, parecia honesto, mas o resultado era ruim, e esse foi o indício de que algo deveria ser feito. As Escrituras sempre chamam a nossa atenção para o resultado de nossas ações, os frutos que obtemos: o importante é o 'fim da Lei'. A mera observância de leis não produz justiça. Aqueles que se fixam apenas em procedimentos e não atentam para o resultado falham! E o resultado que Deus deseja é esse, que sejamos parecidos com Jesus: ele é o fruto que a Lei deveria produzir (Rm 10:4).

Por outro lado, sabemos que pecado é literalmente 'sem parte', a ideia de nada ter conquistado depois de uma ação ou, como é mais usual, 'errar o alvo'. Portanto o pecado não é ter feito algo ou obtido alguma coisa, mas ter perdido, ter falhado em conquistar, é estar pobre, cego e nu.

Perceber que depois de tanto trabalho não haviam conquistado o que realmente importava deixou Neemias furioso. Então ele iniciou um amplo processo para enfrentar aquela difícil situação. Antes de tudo ele avaliou a situação – ele era um homem bastante emocional, que se indignava com a iniquidade, mas que não agia conforme a sua ira, antes refletia sobre cada assunto. Depois ele repreendeu os principais culpados. Em progressivas medidas, até à solução, ele convocou uma assembleia para tratar em unidade do assunto.

É interessante que no processo de tratar do pecado dos outros, Neemias teve a oportunidade de examinar sua própria vida, e corrigir-se antes de corrigir aos outros, colocando-se como exemplo. A ideia era devolver tudo quanto fora cobrado legiti-

mamente e não requerer o que fora emprestado. Neemias estava chamando os ricos a darem generosamente aos outros, como ele próprio estava dando. E não estava chamando as pessoas para uma ação social eventual, mas para uma mudança de comportamento que produziu uma profunda mudança na economia.

A partir do verso 14, Neemias faz um relato de doze anos para frente e mostra como mudou seu próprio comportamento em relação à questão social. Ele diz que naquele ano, possivelmente após concluída a obra, foi designado governador da província e, como tal, não recebeu o imposto devido ao governador que era de quase meio quilo de prata por mês, o suficiente para pagar 120 dias de salário a um trabalhador. Além disso, ele ainda tinha direito a uma farta 'cesta básica' que também não aceitou. Ao contrário disso, dá o relatório do enorme investimento que fez, trabalhando pessoalmente e colocando seus empregados a serviço da construção, arcando com as despesas da casa do governo e com a hospitalidade de funcionários e diplomatas e ainda ofertando.

Neemias estava lidando com uma situação que tinha raízes em práticas que começaram bem antes de ele chegar a Jerusalém e que, com a parada da produção para a reconstrução dos muros sob a pressão de inimigos, fora ainda mais agravada. Mesmo assim ele não se omitiu, não achou que eram problemas que outros deviam resolver. Neemias estava exigindo um comportamento que resultasse do relacionamento com Deus: *"Vocês devem andar no temor do nosso Deus"* Ne 5:9. Quando o ouvimos dizer que dessa forma eles evitariam a zombaria dos inimigos, temos que nos lembrar de Jesus dizendo: *"Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens."* Mt 5:13

Ele também disse que o seu próprio comportamento foi determinado por esse relacionamento com Deus: *"Mas, por temer a Deus, não agi dessa maneira."* Ne 5:15. Ao longo das Escrituras, a esse comportamento modificado por uma relação de temor reverente a Deus, chamamos de santidade. Neemias buscava a santificação.

Infelizmente a santificação perdeu, em nossos dias, a sua praticidade. As novas gerações parecem saber tudo o que a santificação não é, mas não fazem nem ideia do que realmente seja. A igreja se ocupou tão exclusivamente de dizer que a santificação não está nos cabelos, nem nas roupas, nem na alimentação, nem nas atividades, que as pessoas nem sabem mais onde a santificação está. Santidade tornou-se um conceito tão obscuro, tão fugaz, tão abstrato que não interfere mais. É fácil perceber porque, então, a igreja é descartada e desprezada.

Para resgatar a ideia de santidade, gosto de lembrar o que ensinou Pedro em sua primeira carta: *"Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz."* 1Pe 2:9. Nesse texto, o apóstolo Pedro afirma que o povo escolhido para fazer missões tem três características: 1. É sacerdotal, portanto íntegro; 2. É santo, isto é, puro e sem contaminação; 3. É exclusivo, ou seja, pertence a um só dono.

O ensino bíblico sobre santidade reflete sempre essas três características: integridade, pureza e exclusividade. E a santidade é característica básica para o cumprimento da missão bíblica da Igreja. Como vimos nesse capítulo 5, o pecado se reflete socialmente, mas a solução que um verdadeiro missionário apresenta não é uma solução social, mas uma mudança na mente: o arrependimento, a metanoia, a transformação produzida pelo governo de Deus na vida das pessoas. Neemias soube experimentar, com muita antecedência, a graça do Evangelho, indo além da Lei, dependendo apenas da proximidade do Reino de Deus. Essa santificação, a integridade, pureza e exclusividade resultantes do temor ao Senhor, conquistada pela repreensão, decisões práticas, conjurações e ato profético, modificou o comportamento de Neemias, dos ricos e, por fim, de todo o povo: *"Toda a assembleia disse: Amém!, e louvou o Senhor. E o povo cumpriu o que prometeu."* Neemias 5:13.

Nossa experiência na AMME é que a falta de empenho da Igreja em fazer missões está sempre associada à falta de santida-

de. Veja, as três principais desculpas das pessoas para não evangelizar são: eu não tenho capacidade. eu não tenho coragem. eu não tenho tempo. Quando os crentes dizem que não tem capacidade, deve estar faltando o Espírito que dá poder de realização, portanto não são íntegros, falta-lhes algo. Quando dizem que não têm coragem, esses crentes estão dizendo que lhes falta o amor que nos impulsiona a usar o poder para fazer coisas grandiosas pelas pessoas que amamos. Crentes assim amam ao mundo, estão contaminados por seus valores, temem o que o mundo teme e receiam perder aquilo que o mundo valoriza, falta-lhes pureza. Quando os crentes dizem que não têm tempo, é porque estão gastando o seu tempo com outros senhores, falta-lhes uma mente disciplinada para fazer apenas a vontade de Deus; não há exclusividade.

"Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio." 2Ti 1:7. Examine sua vida: você sabe o que é santidade? Você sabe identificar a qualidade das ações pelos seus resultados ou vive sob o legalismo de apenas fazer o que é de regra? Suas escolhas e decisões,

seu comportamento, têm sido modificados por seu relacionamento com Deus? Você tem vivido em progressiva santificação e têm exigido das pessoas à sua volta que ofereçam a mesma integridade pureza e exclusividade a Deus?

Em 1989 o professor Warren Bennis, especialista em liderança, disse que, entre outras diferenças, "gerentes fazem certo as coisas, já os líderes fazem as coisas certas.". Neemias sabia disso. Como missionários, fomos chamados para liderar, portanto, cabe a nós fazer as coisas certas. Isso nos levará além do que as normas, regras e leis exigem, a obter um resultado que agrade ao nosso Deus. Viveremos em santidade e então poderemos dizer: *"Lembra-te de mim, ó meu Deus..."* Ne 5:19. Não tenha dúvida, se você busca se apresentar de modo íntegro, puro e exclusivo a Deus, se você busca a santidade, você tem um chamado missionário.



6° andar

perseverança

"...por isso enviei-lhes mensageiros com esta resposta: Estou executando um grande projeto e não posso descer. Por que parar a obra para ir encontrar-me com vocês?" Neemias 6:3

Como diferenciar entre algo que deve ser abandonado e algo que, mesmo sendo difícil, deve ser continuado? Insistir na omissão também pode ser considerado perseverança? Quando somos paralisados pelo meio estamos perseverando? Saber como perseverar e onde aplicar nossa perseverança é decisivo na obra missionária. Há momentos em que as dificuldades são um sinal para deixarmos algo de menor importância. Há momentos em que por

maiores dificuldades que enfrentemos, devemos insistir no que estamos fazendo. Vamos ver Neemias permanecendo firme mesmo em um cenário complicado e cansativo, sem se desviar de seu propósito.

Depois da oposição militar, depois dos problemas sociais, Neemias enfrenta agora um tipo de dificuldades muito mais difícil de resistir. Armadilhas, calúnias, traição, são um campo minado. É difícil identificar o inimigo, difícil saber de onde vem o ataque. É exaustivo, intimidador e muitos desistiriam. Mas a perseverança de Neemias garantiu que ele chegasse a uma grande vitória. Neste capítulo vamos encontrar quatro cenários e ver Neemias resistir em cada um. Este é sexto andar em nossa subida missionária e não é um andar fácil.

Quando os muros estavam prontos, e as portas ainda não haviam sido colocadas, a situação era essa: podia-se perder ou ganhar tudo em apenas um movimento. Os inimigos sentiam-se pressionados e estavam tentando seus melhores trunfos, Neemias precisava ter muito cuidado. Uma reunião administrativa foi convocada, afinal

eram todos oficiais do império. O local distava mais de quarenta quilômetros de Jerusalém em direção ao litoral, e estava nos limites do território de Judá, na fronteira com os inimigos de Asdode e de Samaria, na região da atual Telavive.

Neemias levaria meio dia cavalgando para ir e para voltar, com mais um dia de reuniões, isso tomaria dois preciosos dias de uma obra que levou apenas 52 dias para ficar pronta. Além disso, tudo indicava que os inimigos planejavam algum tipo de ataque, talvez uma emboscada nos caminhos solitários, e o projeto missionário ficaria sem o seu líder. Então Neemias precisava resistir diante daquela trama e, para isso, ele decidiu focar-se no trabalho que estava realizando. "*Estou executando um grande projeto e não posso descer."* Ne 6:3. O trabalho que estou realizando é tão grande que está me ocupando inteiramente. Essa dedicação ao trabalho evitou que Neemias se expusesse às emboscadas a que estaria sujeito se abandonasse seu trabalho.

Percebendo que as pressões não funcionariam os inimigos resolveram incrementá-

las espalhando um boato. Não um boato qualquer, mas um bem requintado, com diversas técnicas de desinformação: um homem de confiança para dar peso ao boato; uma carta aberta para facilitar a disseminação; uma figura ilustre, o príncipe Gesém dos árabes, como falsa testemunha; um motivo plausível para a reconstrução do muro, revolta; uma calúnia muito perniciosa, fazer-se rei; detalhamento para torna-la crível, os profetas e a profecia; e a ameaça de levar isso ao rei.

A realiza daquela época viviam às voltas com rebeliões, e a única forma de se manter no poder era esmagar qualquer sinal de rebeldia do modo mais rápido e definitivo possível. Os inimigos foram espertos e Neemias sabia que seu objetivo era intimidar para enfraquecer e dessa forma causar a parada da obra. Ele, porém, firmou-se na verdade. Já havia dado provas de que era um homem transparente, muito claro em seus negócios, e isso lhe deu a base que precisava para resistir e perseverar em seu trabalho. Além disso, Neemias também orou pais uma vez: *"Fortalece agora as minhas mãos!"* Ne 6:9.

Então os inimigos tentaram outra coisa, contrataram um profeta para induzir Neemias ao erro. O homem se fez de muito consagrado, recolheu-se em casa e mandou chamar Neemias. Deve ter ficado parecendo que Neemias estava precisando consultar um profeta. Quando chegou lá o homem usou todo o seu estilo dramático para aterrorizar Neemias e leva-lo a entrar dentro do templo. Isso seria contra a Palavra de Deus que diz: *"Qualquer pessoa não autorizada que se aproximar do santuário terá que ser executada."* Nm 18:7c.

Neemias diz que logo percebeu que Deus não o tinha enviado. Aquele profeta estava tentando enche-lo de medo e leva-lo a pecar. Ora, Neemias conhecia a Palavra de Deus e aquela voz, apesar de vir de um profeta e sacerdote de linhagem conhecida, não era Deus falando. Ao concentrar-se na Palavra de Deus, Neemias pôde resistir ao engano e desmascarar esse profeta do inimigo e ainda vários outros.

Ficamos sabendo ainda que os inimigos tinham muitas conexões dentro de Jerusalém, particularmente através de Tobias,

líder dos amonitas, povo descendente de Ló, sobrinho de Abraão que ocupava a atual Jordânia, com capital de nome bem similar: Amã. Note que Tobias é um nome hebreu e significa 'a bondade de Deus'. Um seu filho chamava-se Joanã, que também é um nome hebreu e significa 'Jeová é gracioso'. Muito possivelmente eles eram prosélitos, convertidos ao judaísmo e eram casados com mulheres judias.

Eles utilizavam suas relações de parentesco e amizade para obter informações sobre o que Neemias estava fazendo. Muitas cartas eram trocadas e boatos eram espalhados dentro da cidade e até vinham elogiar o inimigo para Neemias. Que situação difícil! Neemias tinha um inimigo lutando contra a missão, que os irmãos achavam que era boa gente. Muita gente desistiria diante de um cenário tão intrincado, mas Neemias ficou firme, e sua resposta foi o louvor a Deus. Não era para sua própria glória que ele estava trabalhando e quando terminou aquela obra grandiosa em tempo recorde ele disse que sobrou apenas medo e humilhação para os inimigos: *"pois perceberam que essa obra havia sido execu-*

tada com a ajuda de nosso Deus." Ne 6:16. Neemias pôde perseverar porque tudo quanto fazia era para a glória de Deus.

Você viu que Neemias perseverou em sua missão, mesmo diante do tipo mais desmotivador, mais cansativo e mais destrutivo de ataque do inimigo. Ele não desistiu, não desanimou, porque se concentrou no trabalho, na transparência, na Palavra e no louvor a Deus. E você, em que se apega para perseverar? Você já encontrou esses mesmos recursos que Neemias usou?

Confesso a você que nesses catorze anos de ministério na AMME, todos os dias somos pressionados a desistir. A comunicação com as igrejas é rara e difícil; a recepção é desconfiada, fria e muitas vezes até rude; na logística há momentos em que nada parece funcionar; falta motivação aos crentes para evangelizar e, quando finalmente decidem fazê-lo, falta qualidade e compromisso. Essa não é uma obra para quem desiste facilmente. Para subir até o alto nível que o ministério cristão exige, você precisa superar os impedimentos e chegar ao andar da perseverança.

Mas há coisas que devemos deixar para trás. Neemias deixou seu alto cargo na corte Persa, deixou de receber meio quilo de prata e outros benefícios como governador, recusou-se a participar da reunião no Vale de Ono, deixou tarefas para outros fazerem e tantas coisas mais. Ele sabia no que devia insistir e perseverar e o que poderia deixar de lado. Creio que esse é o nosso grande desafio também.

O pastor americano Reinhold Niebuhr (1892–1971) fez uma oração no início dos anos 40 que se tornaria muito conhecida, principalmente depois de haver sido resumida e adotada pelos AA com o título de 'Oração da Serenidade'. Acho que essa oração expressa bem qual deve ser o coração do missionário frente aos desafios de todos os dias, por isso quis traduzi-la para você:

> "Deus, dá-me graça para aceitar com serenidade as coisas que não podem ser mudadas, coragem para mudar as coisas que devem ser mudadas, e sabedoria para diferenciar umas das outras.

> Então viverei um dia de cada vez, desfrutando de cada momento, aceitando as dificuldades como um caminho para a paz, enfrentando, como Jesus fez, o mundo pecaminoso como ele é, não como eu gostaria que fosse, confiando que tu farás todas as coisas perfeitas se eu me entregar à tua vontade, de modo que eu possa ser razoavelmente feliz nessa vida, e absolutamente feliz contigo para sempre na vida futura. Amem."

Se você é uma pessoa que desiste facilmente você não vai passar desse sexto andar. Missões não é para você. Mas se você pode se apegar fortemente aos recursos que Deus nos dá e se achar disposição para perseverar, então venha conosco: subiiindo!



7° andar

produtividade

"Depois que o muro foi reconstruído e que eu coloquei as portas no lugar, foram nomeados os porteiros, os cantores e os levitas." Neemias 7:1

O que é ser um missionário? Uma pergunta assim logo nos leva a uma relação sem fim de coisas que um missionário deve fazer. Imaginamos o missionário viajando por regiões inóspitas, utilizando transportes precários, pregando, traduzindo, viajando novamente... Pensar assim é típico de nossa cultura brasileira. Somos um povo voltado para o processo. De algum modo, por várias interferências em nossa cultura, chegamos a uma situação em que os resultados estão separados do trabalho. Sa-

bemos o que é trabalhar, entendemos o processo, mas achamos que de algum modo o resultado vai aparecer por acaso, como um prêmio de loteria. Na obra missionária isso se reflete na ideia de que evangelizar é como semear, e que os resultados aparecem por milagre. Neemias nos ensina outra coisa, ele trabalhava muito e trabalhava com foco nos resultados.

A cidade de Jerusalém era dominada pelo Templo. A vida da cidade circulava em torno da adoração que era feita ali. Sob o governo de Zorobabel, com a insistente profecia de Zacarias e Ageu e depois o ensino de Esdras, o Templo havia sido reconstruído nos anos anteriores à chegada de Neemias. Porém, sem os muros, sem proteção, havia o enorme risco de a cidade ser invadida por bandidos do deserto, atraídos pelo tesouro do templo. Sem o Templo funcionar, não havia dízimos ou ofertas, com isso os levitas e sacerdotes não podiam cumprir sua missão e iam para cidades mais seguras onde pudessem trabalhar pelo sustento. É assim que a cidade de Jerusalém ficava sem a sua razão de ser, sem a adoração a Jeová.

Neemias reconstruiu os muros com o claro propósito de que o Templo voltasse a funcionar, para que a adoração fosse restabelecida em Jerusalém e todo Israel pudesse vir e encontrar-se com o Senhor ali. Neemias não era um homem que necessariamente amava a construção civil, não era uma pessoa que trabalhava por hobby, por obrigação, por salário. Neemias não estava tentando realizar uma obra para chamar atenção sobre si mesmo, para se promover. Ele construía com uma finalidade, para obter certo resultado.

Foi assim que, havendo terminado a grande obra que estava fazendo, Neemias logo nomeou porteiros, cantores e levitas. Essas são as funções básicas do culto naquele momento, estabelecidas por Davi nos vinte e quatro turnos de sacerdotes e levitas, restaurados por Esdras (Ed 6:18). Os porteiros cuidavam dos portões do templo, assegurando que somente passassem as pessoas que atendessem aos critérios; Os cantores formavam os coros que conduziam a adoração; os levitas cuidavam da interpretação da lei e auxiliavam os sacerdotes nos sacrifícios.

Neemias não parou depois de concluir o muro, não considerou um sucesso aquela obra grandiosa e feita em tão pouco tempo, com tanto empenho, superando enormes dificuldades. Ele queria ver os resultados, ele queria ver a adoração a Deus fluindo, por isso designou as pessoas certas para todas as funções. E tanto é verdade, que mesmo na nomeação para um cargo administrativo como a prefeitura da cidade ele quis o homem mais íntegro e mais temente a Deus.

Costumo dizer que nenhuma tarefa é pequena o suficiente para ser feita por uma só pessoa. Uma obra grande, então, depende da inclusão de muitas pessoas. Por isso Neemias procurou o senso feito por Esdras e a partir dele começou a organizar a população de Jerusalém e fazer aquela cidade fantasma funcionar. Ele não poderia fazer sozinho, e sabia disso, então procurou, outra vez, muitas pessoas com quem pudesse contar. Ele era um verdadeiro líder; fazia tudo através das pessoas.

Também vemos o cuidado de Neemias com a qualidade. Ele não permitiu que

pessoas não qualificadas servissem nas funções sacerdotais. Isso poderia prejudicar os resultados. A qualidade é um conjunto de características de excelência que podem incluir integridade, proporcionalidade, funcionalidade e até a quantidade. O que define a qualidade é se as características importantes atendem ou superam um padrão pré-determinado. Neemias sabia considerar padrões e utilizá-los para avaliar pessoas e coisas, de tal forma que tendo qualidade nas partes, pudesse obter excelência no todo; qualidade no funcionamento, para excelência no resultado.

Outro aspecto que mostra o esforço de Neemias em obter resultados é o investimento. Da minha carreira na administração de marketing aprendi que boas ideias não se tornam automaticamente bons negócios. É preciso haver investimento suficiente para fazer uma boa ideia produzir resultados. Neemias começou sua jornada levantando o capital necessário para seu empreendimento. O resultado que ele esperava obter era restaurar Jerusalém como a capital da adoração a Jeová. E o investimento para isso não era pequeno.

No final do capítulo 7 temos uma ideia dos recursos que ele ainda levantou depois, em Jerusalém: 328 quilos de ouro, 2.520 quilos de prata, 597 vestes sacerdotais.

É difícil dimensionar o valor dessas coisas em um tempo em que a extração de minério era tão primitiva e a economia tão diferente da nossa. Vamos considerar que o ouro captado, representando um pouco mais de cinco talentos ou mais de 300 minas, valeria pela cotação de hoje quase 32 milhões de reais. Já os 2.520 quilos de prata custariam agora mais de 4 milhões de reais. Em outra conta a prata seria suficientes para pagar 630.000 dias de trabalho a um denário (4 gramas) por dia. Ao salário mínimo atual, um trabalhador ganharia R$ 35,00 por dia, então aquela prata teria valor equivalente a 22 milhões de reais em nosso mercado de trabalho. Levando em conta que o dia de trabalho hoje é de pouco mais de 8 horas, mas naquele tempo era de 12 horas, a conta chegaria próxima dos 30 milhões de reais. Pensando ainda em 597 vestes sacerdotais, que eram de materiais nobres, linho, púrpura e bordados, podendo custar pelo menos uns

500 reais cada uma, temos outros 298 mil reais de investimento. Foi o que Neemias achou que era razoável investir para restaurar a adoração em Jerusalém.

Para fornecer tanta prata e o ouro hoje seriam necessários 36 milhões de reais e Neemias mostrou a importância que dava aos resultados doando mais de um milhão de sua fortuna pessoal.

A missão da Igreja é evangelizar para produzir vidas submissas ao Reino de Deus. Infelizmente a riqueza que a Igreja brasileira administra nem sempre é investida diretamente na produção dos resultados que Deus espera. Apenas uma pequena parte é destinada à evangelização, local ou transcultural, o restante se perde no processo. Da mesma forma, nem sempre se destinam os melhores obreiros para a atividade fim, para o cumprimento do propósito, nem se procura envolver mais pessoas, nem há significativo esforço para estabelecer altos padrões de qualidade. O fato é que a Igreja se perde em uma infinidade de atividades, pouquíssimas delas ligadas ao real propósito de existência da Igreja.

No final do primeiro ano da AMME percebemos esse problema: mesmo quando havia evangelização, isso era uma atividade sem perspectiva de resultados, apenas uma semeadura. Então lancei o manifesto 'Eu vos enviei para colher', baseado no ensino de Jesus em João 4, sobre ver os campos brancos e considerar nossa época como o tempo da colheita e não mais o da semeadura. Aqueles discípulos precisavam mudar sua mente e nossos irmãos ainda hoje precisam dessa nova visão. Por isso os projetos que desenvolvemos têm todos a característica que definimos como 'baseados em resultados'.

As atividades da Igreja, como todo aquele esforço de construção de Neemias, devem ser apenas o meio para atingir-se o propósito de glorificar ao nosso Deus com muito fruto (Jo 15:8). Infelizmente, talvez por aquela questão cultural, a Igreja continua apenas semeando, sem se preocupar em apresentar os frutos que Deus quer.

Naquela noite fatídica, a caminho do Getsêmani, Jesus disse: *"Eu sou a videira verdadeira..."* Jo 15:1. Ele estava se referindo

à profecia de Isaías em que Israel é comparado com uma videira que mente o fruto (Is 5:1-7). Jesus disse que ele não deixaria de entregar o fruto que Deus espera e para o qual tem investido tanto. Por isso frutificar é tão decisivo para o Senhor, ao ponto de que o galho que não da fruto é cortado, é lançado fora, seca-se e é finalmente queimado. Então Jesus nos diz: *"Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça, a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome."* João 15:16.

Um verdadeiro missionário está sempre ocupado em produzir os frutos que Deus quer: a transformação de vidas. Você tem um chamado para missões se sabe apontar seus frutos que permaneceram. Gente que se dedica somente ao trabalho, sem a perspectiva de resultados, fica nesse andar, não pode subir para missões.



8° andar

alegria

“E Neemias acrescentou: Podem sair, e comam e bebam do melhor que tiverem, e repartam com os que nada têm preparado. Este dia é consagrado ao nosso Senhor. Não se entristeçam, porque a alegria do Senhor os fortalecerá.” Neemias 8:10

Quanto maior o esforço que nos é exigido, tanto mais poderosa deve ser a motivação. Motivação significa o motivo ou motor da ação; é aquela força interna que nos impulsiona para agir. Então, que motivação devemos ter para realizar uma obra tão desafiadora, tão grandiosa, tão exaustiva e tão duradoura como a obra missionária? Que motivação devemos estimular nas pessoas que nos ajudam, nas pessoas que

contribuem, naqueles que nos ouvem, para leva-los pelo caminho estreito que devemos trilhar? Em um dos momentos mais difíceis de seu ministério, Neemias apresentou a alegria como a motivação que certamente o levou frequentemente à vitória. Vamos aprender com ele.

O muro estava pronto, Jerusalém estava funcionando novamente e trazia grande expectativa para toda a região, então chegou o *Yom Teruah*, a festa das trombetas, o dia de ano novo. Os judeus tinham dois calendários. O calendário sagrado começava com a Páscoa, lembrando a libertação do Egito. No dia primeiro do sétimo mês desse calendário, na época das primeiras chuvas, era o dia de ano novo no calendário civil que regulava a agricultura. Esse dia era chamado de festa das trombetas, porque devia-se ouvir o toque de chofar em todo lugar, anunciando que era hora de arar a terra novamente.

Eis o que instruiu Deus ao seu povo sobre esse primeiro dia do ano: *"Disse o Senhor a Moisés: Diga também aos israelitas: No primeiro dia do sétimo mês vocês terão um*

dia de descanso, uma reunião sagrada, celebrada com toques de trombeta. Não realizem trabalho algum, mas apresentem ao Senhor uma oferta preparada no fogo." Lv 23:23-25.

Era festa, então veio todo mundo para a capital. O texto diz que eram como uma só pessoa, homens, mulheres e adolescentes, todos no mesmo espírito. Jerusalém devia estar linda nesse dia. Um grande palco foi preparado e pode-se imaginar que outras decorações deixaram o ambiente com um ar grandioso e solene. Esdras, o respeitável sacerdote e sábio nas Escrituras, que chegara por ali 13 anos antes justamente para ensinar a Palavra de Deus e restaurar a adoração, subiu à plataforma com as belíssimas vestes novas doadas por Neemias. Outros 13 homens de linhagem sacerdotal subiram com ele. Esdras abriu o belíssimo rolo contendo, provavelmente, o livro Levítico, o Vayikrá, como os judeus o chamam, 'Ele chamou': o livro do chamado de Deus. Aquele momento foi tão tocante que ao abrir do livro todo o povo colocou-se em pé, na mais perfeita ordem e durante horas ouviram a leitura.

Enquanto ouviam a leitura foram tocados por grande emoção, e havia muito choro. É razoável pensar que o choro era de culpa. Ao ouvirem as ordenanças de Deus e perceberem sua incapacidade de agir como Deus exigia, ao conscientizarem-se de seus erros, falhas e fraquezas o povo chorou. Então ouvimos o governador Neemias do lugar dele, Esdras e os outros lá da plataforma, insistindo com o povo para que não ficassem tristes, nem chorassem. Como o povo não se continha, sobre toda aquela comoção levantou-se a voz inconfundível do líder Neemias, e comandou: *"Não se entristeçam, porque a alegria do Senhor os fortalecerá"* Ne 8:10.

Ora, Neemias sabia que havia uma grande tarefa pela frente, em santificar aquele povo e colocá-lo no centro da vontade de Deus, e para isso seria necessária uma grande motivação. Ele bem sabia que a alegria é a maior motivação que alguém pode ter, e que a tristeza, pelo contrário, abate e enfraquece (Pv 15:13). Vimos como Neemias era voltado para os resultados, e agora vemos quanto ele procurava a motivação para alcança-los.

De nada adianta nos sentirmos culpados e entristecidos por causa da imperfeição que achamos em nós mesmos diante das Escrituras. Mas a alegria nos motiva a buscar a santidade. Isso se torna mais importante quando percebemos que, no Novo testamento, a raiz do substantivo alegria é a mesma de graça, a que aprendemos a dar tanto valor: ambos os nomes tem raiz no verbo *gr. chairo* – alegrar-se.

Deus achou alegria em nos salvar e nós recebemos essa salvação através da fé (Ef 2:8). Agora, tudo o que somos, e o que fazemos depende dessa alegria que achamos no Senhor: *"Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi inútil; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo."* 1Co 15:10

O apóstolo Paulo procurou ensinar os cristãos a fazerem tudo, mesmo as coisas mais difíceis, motivados pela alegria, como vemos em sua carta à Igreja de Filipos. Uma outra forma de aplicar essa verdade foi comparar a santificação com o esporte. Para Paulo a luta contra a carne deveria

ser tão interessante, tão desejável quanto uma corrida ou uma luta esportiva: *"Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre."* 1Co 9:25.

E como Neemias achou que essa motivação, a alegria, poderia ser encontrada? *"Então todo o povo saiu para comer, beber, repartir com os que nada tinham preparado e para celebrar com grande alegria, pois agora compreendiam as palavras que lhes foram explicadas."* Ne 8:12. Ele achou que a alegria era uma ordem que podia ser obedecida e percebeu que a alegria vem da compreensão da Palavra de Deus. Quando entendemos o que Deus nos diz, temos alegria. É por isso que conceitos como entender, compreender, descobrir, aparecem tantas vezes no capítulo 8.

Jesus também ensinou aos discípulos para que tivessem alegria: *"Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa."* Jo 15:11.

O apóstolo Paulo pensava do mesmo modo. Antes de exortar os filipenses no difícil tema dos inimigos da Cruz de Cristo, ele diz: *"Finalmente, meus irmãos, alegrem-se no Senhor! Escrever-lhes de novo as mesmas coisas não é cansativo para mim e é uma segurança para vocês."* Fp 3:1. Note como a alegria é um mandamento e resulta da compreensão de um ensino que é insistentemente transmitido.

Veja que sob a liderança de Neemias, Israel buscou esse entendimento intencionalmente: *"Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido."* Ne 8:8. Depois da leitura cuidadosa de cada porção das Escrituras, havia levitas, especialistas na Lei, andando pelo meio do povo e levando-o por três estágios para que a Lei produzisse o seu resultado: 1) interpretação, isto é, tornando claro o significado de palavras, expressões, objetos, locais etc.; 2) explicação, ou seja, dando a entender o significado ou a intenção do texto; 3) entendimento, ou levando a uma percepção experiencial, a uma experiência pessoal com o texto.

As pessoas entenderam, compreenderam as palavras, ficaram alegres e desejaram fazer tudo o que a Palavra de Deus lhes dizia para fazer. Para não restarem dúvidas, os líderes do povo voltaram no dia seguinte e passaram novamente pelo mesmo processo: leram, entenderam, compreenderam e desejaram por em prática. Então foram e ensinaram ao povo e o povo entendeu, compreendeu e desejou por em prática. A esses três estágios depois da leitura da Bíblia, chamamos de 'VOS', o método hermenêutico que utilizamos na AMME para ajudar os crentes a entenderem as Escrituras de modo prático.

O resultado é que a Festa das Cabanas, que começava na segunda quinzena do mês, foi celebrada de um modo muito especial, não mais como um ritual, não por tradição ou obrigação, mas por alegria, isto é, por graça: *"...Desde os dias de Josué, filho de Num, até aquele dia, os israelitas não tinham celebrado a festa dessa maneira. E grande foi a alegria deles."* Ne 8:17.

Há alguns anos atrás eu tive uma experiência impressionante em uma vizinhança

miserável na África. É difícil descrever o horror da escassez que se via nas pessoas que chegavam para o culto naquela manhã. Só posso dizer que pareciam mortos vivos, esquálidos, descalços, envoltos em trapos. Quando o culto começou não pude deixar de pensar em como seria difícil animar aquele povo a louvar. Então, na primeira música, se produziu uma transformação admirável. Na medida em que o ministro de louvor pregava em rimas o povo repetia uma resposta, os semblantes se levantaram, os sorrisos se abriram e vozes fortes ecoaram naquela igreja com piso de terra e sem janelas. Eles cantavam em quicongo portanto eu não entendia, mas foi um culto maravilhoso e pude pregar com facilidade sobrenatural. Depois eu quis saber o que tanto eles haviam repetido no início do culto e entendi que o ministro de louvor ensinou razões para se alegrar e o povo repetiu dezenas de vezes esse verso: “me alegrar, me alegrar, eu vou me alegrar!”. O ensino produziu alegria e a alegria foi a força que os animou a cultuar.

Vi uma grande mudança nas vezes seguintes em que voltei àquela região. Das pe-

quenas ofertas e dízimos daquela congregação despossuída, a igreja que atendia ao mandamento de se alegrar organizou uma cozinha industrial que passou a fornecer centenas de refeições para trabalhadores de uma construtora brasileira que atuava na região. Outros empreendimentos surgiram e aquelas famílias passaram a ter o necessário para seu sustento. A alegria do Senhor foi a força deles.

Quando entendemos a Palavra de Deus e nos permitimos alegrar com o que ela nos ensina, temos força para realizar grandes coisas para a glória de Deus. Essa é a graça que opera a partir da fé: crer e alegrar-se! Infelizmente, muitas pessoas, inclusive crentes, usam a tristeza para chamar atenção sobre si, para obter carinho, para lidar com a culpa, para punir a si mesmos ou aos outros. Ficam tristes porque querem e tornam-se dependentes dessa tristeza como um vício, enfraquecendo-se, desanimando e perdendo as oportunidades de vencer. Tais pessoas fazem mal ainda pior, porque havendo resolvido não se alegrar, também não se dispõe a ensinar alegria aos outros.

Se você não se alegra nem ensina outros a se alegrarem, não passa do andar da motivação, não serve para missões. Um missionário não deve trabalhar por obrigação, não pode esperar ser mandado ou pressionado. Deve ter motivação interior e dedicar-se espontaneamente; deve trabalhar com entusiasmo contagiante e de tal modo que transmita motivação às pessoas que ensina. A alegria do Senhor é a força que impulsiona a obra missionária!



9° andar

espiritualidade

"Ficaram onde estavam e leram o Livro da Lei do Senhor, do seu Deus, durante três horas, e passaram outras três horas confessando os seus pecados e adorando o Senhor, o seu Deus." Neemias 9:3

Nossa fé torna-se cada vez mais sofisticada. É um reflexo da economia em que estamos inseridos. Então, quantas faculdades, quantos anos de estudos são necessários para se tornar um obreiro respeitável? Pergunto isso sabendo que o preparo é importante. Havia muitos homens bons em Jerusalém, mas Deus resolveu chamar um que estava a quilômetros de distância: era quem estava mais bem preparado. Esse também foi o caso de Moisés, Samu-

el, Davi, Daniel, Paulo e tantos outros. O problema é quando o preparo não está acompanhado de algo ainda mais importante, e ainda pior quando afasta o candidato da base sobre a qual deveria construir seu ministério: uma espiritualidade intensa, sólida e genuína.

"Disse Jesus: O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui." Jo 18:36. Durante todo o ministério de Jesus as pessoas que creram que ele era o Messias esperaram que enfrentasse o Império Romano e restaurasse a glória do Reino Davídico. No momento em que estava para enfrentar a tortura mais vil e a morte mais cruenta, Jesus desapontou essas pessoas declarando que o Reino dele não era desse mundo, isso é, não tinha métodos e nem objetivos mundanos. Então porque Jesus veio ao mundo? Lucas lembrou-se de relatar uma resposta do Senhor para essa pergunta: *"Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: O Reino de Deus não vem de mo-*

do visível, nem se dirá: Aqui está ele, ou Lá está; porque o Reino de Deus está entre vocês." Lc 17:20,21. Muitos tradutores pensam que Jesus ainda se dirigia aos fariseus na última frase, mas, se Ele se voltou para seus discípulos, entendemos que ele estava dizendo ser o interior dos crentes o território que ele veio adquirir e sobre o qual haveria de governar.

Sobre esse Reino invisível o apóstolo Paulo diz: *"Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno."* 2Co 4:18. Porque, ainda assim, cuidamos de tantas coisas materiais? Mesmo não sendo daqui, é nesse mundo que o Reino se manifesta, portanto, nos relacionamos com as coisas materiais como um meio, nunca como um fim. Paulo já havia ensinado que: *"os que usam as coisas do mundo,* (vivam) *como se não as usassem; porque a forma presente deste mundo está passando."* 1Co 7:31

Neemias é um ótimo exemplo dessa espiritualidade em que consiste o Reino de Deus e sua obra missionária, principalmen-

te em um momento em que o mundo pressiona a igreja ao materialismo. Muitos crentes seduzidos ou intimidados pelo mundo se concentram agora em 'missões' sociais, e uma rápida pesquisa de 'jovens em missões na internet' revelará fotos de pessoas trabalhando em limpeza, construção, nutrição e primeiros socorros.

Enquanto os fariseus e os saduceus de hoje, querendo ver evidências físicas do Reino, secularizam e materializam a obra missionária, blasfemando e diminuindo o poder da Palavra de Deus quando dizem 'não adianta 'só' falar', Neemias chega ao final da festa de Ano Novo, ao dia da expiação (Lv 23:26-32) em mais um culto com três horas para a leitura das Escrituras e outras três para oração. Foi por isso que ele se esforçou tanto nas coisas materiais, para obter um resultado espiritual.

A alegria daqueles dias anteriores não foi uma alegria carnal, do tipo que deixa as pessoas mais propensas para o pecado. A alegria de que Israel desfrutou depois da Festa das Trombetas foi uma alegria espiritual, que de fato levou o povo à santifica-

ção, separando-o de tudo o que era impuro e tornando mais desejoso viver conforme a vontade de Deus.

Mas em que consistiu a espiritualidade que agora era alcançada como o propósito de toda a obra que Neemias realizara com o povo? O estudo das Escrituras pode se tornar um ritual, a oração pode ser somente uma vã repetição, mas o que vemos na belíssima oração exemplificada no texto é a verdadeira espiritualidade. Como na profecia de Oséias a um Israel ainda endurecido, a verdadeira espiritualidade consiste em um coração transformado pelo conhecimento de Deus: *"Pois desejo misericórdia e não sacrifícios; conhecimento de Deus em vez de holocaustos."* Os 6:6.

É essa espiritualidade que Israel finalmente experimentou. De fato vemos nesse capítulo 9 pelo menos quatro dimensões do conhecimento de Deus: 1) O Deus que cria e salva (Ne 9:6-15); 2) O Deus que abençoa e espera (Ne 9:16-25); 3) O Deus que exorta e disciplina (Ne 9:26-31); 4) O Deus que ouve e socorre (Ne 9:32-37). Aquele povo que se desviara do caminho

de Deus, que pecara de modo tão infame, que fora desterrado, agora estava em pé diante do Deus invisível, sabendo que Ele é e relacionando-se com ele.

Só é possível viver sob o Reino Espiritual sendo espiritual. Ver o invisível exige uma mente transformada. O apóstolo Paulo falou sobre isso dizendo: *"Mas quem é espiritual discerne todas as coisas... Nós, porém, temos a mente de Cristo."* 1Co 2:15, 16. Em 2007 escrevi o livreto 'Nossa Luta', onde identifiquei quatro elementos dessa mente transformada que enxerga as coisas espirituais e chamei de 'elementos da cosmovisão cristã'. Cosmovisão é um sistema de ideias e sentimentos acerca do universo e do mundo. A Cosmovisão Cristã é a mente de Cristo, e creio que depende desses elementos fundamentais: 1) História divina; 2) Identidade missional; 3) Participação eclesial; 4) Esperança bíblica. É possível identificar cada um desses elementos na oração nesse capítulo.

História divina – Essa oração revela excelente espiritualidade porque se fundamenta na história dos atos de Deus, mostrando a

percepção de uma forte coerência em tudo o que Deus fez, desde a criação do mundo até aqueles dias. *"Só tu és o Senhor. Fizeste os céus, e os mais altos céus, e tudo o que neles há"* Ne 9:6. É quando sabemos a história divina que somos capazes de ver tudo com olhos espirituais. É como disse o autor da Carta aos Hebreus sobre a fé que temos: *"Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo se vê não foi feito do que é visível."* Hb 12:3

Identidade missional – Outro elemento importante é a consciência de si mesmos como adoradores, como propriedade de Deus, chamados à obediência e à santidade. *"Tu és o Senhor, o Deus que escolheu Abrão, trouxe-o de Ur dos caldeus e deu-lhe o nome de Abraão. Viste que o coração dele era fiel, e fizeste com ele uma aliança..."* Ne 9:7,8a. Só estaremos prontos para uma espiritualidade genuína se houvermos respondido corretamente a essas questões: 'quem somos' e 'porque estamos aqui'. Algo como o que Jesus disse deve ser nossa identidade: *"Vocês são a luz do mundo... Assim brilhe a luz de vocês diante*

dos homens..." Mt 5:14,16. Sabendo essas coisas seremos capazes de viver como pessoas espirituais.

Participação eclesial – A percepção de ter sido chamado para fora da comunidade dos homens, para reunir-se com Deus e tratar da salvação da humanidade é o terceiro elemento. *"Tu desceste ao monte Sinai; dos céus lhes falaste. Deste-lhes ordenanças justas, leis verdadeiras, decretos e mandamentos excelentes."* Neh 9:13. Vendo a si mesmo como parte do sacerdócio real, da nação santa, do povo exclusivo, o crente pode entender espiritualmente todas as coisas que o cercam. É preciso olhar para a terra desde a perspectiva de um membro do Corpo de Cristo.

Esperança bíblica – A oração que estamos examinando no capítulo 9 termina com uma súplica por soluções, cheia de confiança de que o mesmo Deus que controlou todas as coisas com misericórdia não tardaria em socorrer mais uma vez. *"Agora, portanto, nosso Deus, ó Deus grande, poderoso e temível, fiel à tua aliança e misericordioso, não fiques indiferente a toda a*

aflição que veio sobre nós..." Ne 9:32ª. A esperança é um desses elementos que modificam profundamente a nossa visão, e nos permitem ver o mundo com outros olhos, como disse o apóstolo Paulo aos coríntios influenciados pelo materialismo de seu tempo: *"Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão."* 1Co 15:19.

A dificuldade dos crentes em serem espirituais, a limitação materialista que está transtornando as igrejas em negócios, a contaminação secularista que está reduzindo as missões a ONGs, têm suas raízes no desmantelamento da cosmovisão cristã. Sem os elementos necessários para ver as coisas espiritualmente, a Igreja está andando conforme uma visão carnal.

O conhecimento fragmentado das Escrituras, o criticismo bíblico, a supervalorização da ciência, consumiram a História Divina. A falta de exclusividade, a paixão pelo mundo, a contaminação consumista, fizeram com que o cristianismo fosse apenas uma entre muitas atividades, e não a identidade

e o propósito de vida dos crentes. A Igreja também se tornou apenas um dos muitos grupos que os crentes frequentam, os relacionamentos são superficiais e o individualismo predominante impede a participação como verdadeiros membros do Corpo de Cristo. A falta de perspectivas em um mundo que, encantado com as novidades que chega às lojas, já não olha para o futuro, matou a verdadeira esperança na vida de muitos. Não é possível enxergar as coisas espirituais desse modo. Não é possível cumprir a missão de Deus assim.

A espiritualidade é o nono andar. Examine-se, veja se você conhece Deus e se esse conhecimento transformou profundamente a sua vida. Veja se você tem os elementos necessários para enxergar as coisas espirituais. Pense se você é capaz de parar, deixar tudo de lado para ouvir Deus falar e então falar com ele. Um missionário existe espiritualmente, afinal não é contra a carne e o sangue que nós lutamos.



10° andar

transparência

"Esta é a relação dos que o assinaram: Neemias, o governador, filho de Hacalias, e Zedequias..." Neemias 10:1

Uma pessoa em posição de liderança, como um missionário, torna-se rapidamente uma pessoa pública. Assuntos particulares como o que vestir, quanto comer, a que médico ir, tornam-se assuntos para serem discutidos publicamente. Se for solteiro, todos querem lhe arranjar casamento; se é casado, acham que precisa de filhos; se tem filhos, proliferam as opiniões sobre a educação deles. Para muitos, essa alta exposição é intolerável e extremamente desestimulante, principalmente quando a privacidade é tão valorizada atualmente.

Neste capítulo veremos como Neemias lidava com a vida pública que veio junto com sua missão. De que maneira enfrentava a pressão de ser um exemplo.

Conhecer e se relacionar com Deus, ouvindo-o nas Escrituras e falando com Ele na oração produziu uma profunda mudança interior na vida de Israel sob o governo de Neemias. Essa é a verdadeira espiritualidade e se refletiu externamente, na mudança de práticas. Tiago, irmão de Jesus, fala firmemente contra uma fé, uma espiritualidade, que não se mostra de modo prático. Entender as obras a que Tiago se refere como sendo obras sociais é uma leitura dedutiva. A leitura indutiva está relacionada com a *metanoia* (mudança de mente), ou seja, a Palavra de Deus (que gera a fé) deve produzir uma mudança de comportamento, como no verso que domina todo aquele contexto: *"Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos."* Tg 1:22. Inclusive, o versículo preferido de muitos ativistas, Tg 1:27, não se interpreta corretamente como uma ordem divina para fazer ação social, mas para obedecer a Pa-

lavra de Deus. Tiago defende a submissão à Palavra, uma mudança de mente a partir das Escrituras, que eventualmente se faz paralela à justiça social como o mundo a vê, mas não a tem como missão, ou como objeto inicial. É interessante notar que outras vezes a obra que a Palavra de Deus induz é divergente, como quando diz: *"e não se deixar corromper pelo mundo"*.

O reflexo prático da mudança interior promovida pelo relacionamento com Deus veio de forma pública e formal: *"Em vista disso tudo, estamos fazendo um acordo, por escrito, e assinado por nossos líderes, nossos levitas e nossos sacerdotes."* Ne 9:38. A razão para um acordo escrito e assinado é justamente a transparência em tornar públicas as posições de cada pessoa. Nossa comunhão com Deus pode até ter momentos íntimos, mas o resultado dela deve ser como frutos nas árvores. É por tais resultados que nossa espiritualidade é conhecida (Mt 7:15-20).

Então o capítulo 10 traz 27 versículos ocupados com a relação dos signatários do compromisso, organizados em grupos con-

forme seu ministério: primeiro o poder civil (Ne 10:1), depois os sacerdotes (v. 2-8), seguidos dos levitas (v. 9-13) e finalmente os chefes do povo (v. 14-27). Logo se viu o resultado da transparência dos líderes em seu compromisso público: *"O restante do povo – sacerdotes, levitas, porteiros, cantores, servidores do templo e todos os que se separaram dos povos vizinhos por amor à Lei de Deus, com suas mulheres e com todos os seus filhos e filhas capazes de entender - agora se une a seus irmãos, os nobres, e se obrigam sob maldição e sob juramento a seguir a Lei de Deus dada por meio do servo de Deus, Moisés, e a obedecer fielmente a todos os mandamentos, ordenanças e decretos do Senhor, o nosso Senhor."* Ne 10:28,29. Para levar a espiritualidade a um nível prático, foi necessário que os líderes se expusessem.

E quais foram os temas sobre os quais a liderança precisou se manifestar com transparência? Seriam temas impessoais, de pouca relevância? Julgue você. São expostas questões emocionais, como com quem eles se casariam (v. 30); de gestão pessoal, como a administração do seu

tempo (v. 31); financeiras, no gasto de seu próprio dinheiro (v. 32, 33); sociais, como o trabalho voluntário que fariam (34); e devocionais, no que se refere ao dízimo (35-39). Nesse último tema há uma exposição ainda maior, já que os dízimos deveriam ser recebidos sob supervisão (v. 38). Todos esses assuntos seriam considerados muito pessoais pela maioria de nós. Mas isso não era novidade para Neemias. Ele começou prestando contas ao rei sobre o que faria de sua vida nos anos seguintes. Apresentou frequentes relatórios às pessoas ao seu redor, até mesmo sobre o que comia, bebia ou quando dormia e até quanto gastava com seus convidados. O livro de Neemias é um documento detalhado de prestação de contas.

Testemunho é isso: prestação de contas. Jesus viveu assim também, dando contas de tudo o que fazia. Diante de Pilatos, questionado, se era Rei dos Judeus *"Jesus respondeu: Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem."* Jo 18:37. A questão da posição de Jesus era

secundaria à sua missão, e a missão de Jesus era testemunhar da verdade. Esta é a mesma missão que o Senhor transmitiu a seus discípulos, de serem suas testemunhas onde quer que fossem. Então é interessante ver o cuidado com que Lucas, por exemplo, faz isso: *"Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas."* Lc 1:1-4. Estou certo de que Neemias teria aprovado um trabalho assim, e eu escrevo para lembrar a você que o mesmo se requer de nós, que ainda somos servos da Palavra, chamados para testificar.

Ser testemunha, ser capaz de dar informações precisas a partir daquilo que temos experimentado, exige uma qualidade, uma característica, mais do que qualquer outra. Infelizmente não temos essa característica denominada em português. Em inglês, é

accountability e, conforme o Merriam-Webster, significa: a qualidade ou o estado de ser responsável; especialmente: uma obrigação ou desejo de aceitar responsabilidade ou de prestar contas das próprias ações. Temos um nome para responsabilidade e transparência tem um apelo significativo, o que nos falta é um nome para o desejo de prestar contas.

A falta de uma palavra em qualquer língua é sempre significativa, e é possível que indique a ausência daquela ideia na realidade. Poderíamos falar sobre muitas causas para a falta do conceito *accountability*. A educação baseada no medo ou vergonha, que intimida nossa sociedade é uma das razões para a falta de proatividade na prestação de contas. A personalidade coletiva mais emocional, o pensamento mais subjetivo, fazem a expressão mais complexa e menos precisa. O fato é que, em geral, não temos essa disposição de informar com exatidão o que queremos, o que fazemos, onde vamos. Falamos indiretamente, falta transparência e então os mais apressados exibem aquele adesivo: 'Deus deu a vida para cada um cuidar da sua'.

O brasileiro é extrovertido, diria alguém ludibriado pelas cores do carnaval. Prestando atenção, percebe-se que a melhor maneira de nada dizer é o muito falar. Além de fatores históricos e culturais, a situação é agravada pela vida urbana, e a maior parte de nossa população vive nesse cenário. A vida nas cidades vai eliminando elementos da coletividade que tornariam mais fácil a transparência. O viver se torna mais obscuro, secreto, individualista, cercado de muros, oculto por portas com chaves quádruplas e alarmes caríssimos. A internet ainda se encarregou de configurar essa solidão pós-moderna. Interpondo a tela entre as relações.

Mas nós, os cristãos missionários, somos chamados à transparência. *"Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado."* 1Jo 1:7. A vontade de prestar contas, produz comunhão e a comunhão produz santificação, afinal, como costumo observar, a santificação é coletiva. Demonstrar o que fazemos é nosso chamado: *"Assim brilhe a luz de vocês diante*

dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus." Mt 5:16. Jesus não está dizendo para fazermos boas obras, mas para sairmos de debaixo do cesto e aparecermos diante das pessoas, expondo a vida transformada que ele já nos deu.

No trabalho missionário há muitas oportunidades para a prestação de contas, para o testemunho, para sermos *accountable:* relatórios de trabalho e resultados, de despesas e captação de recurso, testemunhos e projetos. Um missionário deve ser transparente em suas finanças, em sua vida familiar, em sua sexualidade, em sua comunicação. Quanto menos segredos tiver, mais pronto estará para fazer uma grande obra para a glória de Deus.

Se você ama a sua privacidade, se você acha que o que faz não é da conta de ninguém, se você é reticente em falar sobre alguma área de sua vida, se acha prazer em ter segredos e ocultar fatos, se têm dificuldade em relatar suas finanças, achará muito difícil passar desse andar.



11° andar

ousadia

"Os líderes do povo passaram a morar em Jerusalém, e o restante do povo fez um sorteio para que, de cada dez pessoas, uma viesse morar em Jerusalém, a santa cidade; as outras nove deveriam ficar em suas próprias cidades." Neemias 11:1

"Tudo, oh Cristo, a ti entrego..." – muitos crentes veem missões apenas como entrega ou renúncia. Seriam somente os cristãos vocacionados a fazerem renúncia? E vocação seria apenas renúncia? Até parece que ser missionário consiste em privar-se de todas as coisas 'boas' da vida. Renunciar carreira, carrões e carteira, só isso? É tanta renúncia que a maior parte dos crentes pensa no missionário como um ser

de barriga vazia, paletó antiquado, sapato emprestado, chorando miséria e pedindo um dinheirinho de igreja em igreja. Quem quer ser missionário então? O fato é que depois do pequeno avanço da economia nacional, com novas possibilidades de consumo, cada vez menos crentes levantam a mão dizendo 'eis-me aqui'. Como Neemias viu essa questão de renúncia e como lidou com isso? O que temos a aprender com ele?

Jerusalém é chamada duas vezes de 'Cidade Santa' nesse capítulo. É a terceira vez que recebe esse título. Isaías e Daniel já a haviam chamado assim, e Neemias ecoa esse pensamento. Durante o exílio, com Israel acomodado nas grandes cidades do império, reconstruir Jerusalém passou a ter uma única razão: a adoração a Jeová, *Melech HaOlam*, o Senhor de todo o mundo. Ao estabelecer-se essa funcionalidade da cidade, o propósito definiu-se como o critério de sua povoação.

Morar em Jerusalém exigia renúncia. As pessoas deveriam deixar suas casas bem construídas, suas fazendas bem desenvol-

vidas, os vizinhos, as atividades culturais de que gostavam e sua posição naquelas comunidades. Para os sacerdotes e levitas representava deixar outras atividades econômicas para dedicarem-se somente aos assuntos do Templo. Renúncia emocional, material e social. Mas, olhando para o propósito de uma cidade dedicada à adoração, Neemias não teve dificuldade em exigir essa renúncia. Ele mesmo já havia experimentado muitas renúncias para ver aquela cidade santificada: renunciou ao elevado cargo que tinha na corte, deixou para trás a belíssima casa em que deveria morar e o conforto de viver na capital imperial, abriu mão de muitos quilos de ouro, renunciou ao descanso e a tantas outras coisas como diz e como podemos imaginar. Ele foi um exemplo da renúncia que agora exigia de outros.

Os líderes do povo foram os primeiros a renunciar, como Neemias, eles deveriam dar o exemplo. A possível resistência do restante do povo foi vencida sabiamente através de sorteio: *"A sorte é lançada no colo, mas a decisão vem do Senhor."* Pv 16:33. *"Lançar sortes resolve contendas e*

decide questões entre poderosos." Pv 18:18. Mas houve um grupo de pessoas muito especial, que ousadamente se apresentou para morar em Jerusalém. Esse grupo foi abençoado por todos (v. 2). Como se abençoa alguém? O termo *hb. barak* corre o risco de ser pouco entendido quando traduzido por 'abençoaram'. Vamos esclarecer isso. *Barak* significa ajoelhar, então tem muito mais o sentido de reverenciar com grande admiração e dizer boas coisas a respeito de alguém. A ideia de abençoar não é a de dar alguma coisa, mas a de reconhecer e destacar aquilo que já é ou existe. Todo o Israel entendeu que a ousadia distinguia aqueles homens em sua renúncia e no resultado que Deus lhes daria. Assim os abençoaram.

Segue-se então uma lista dessas pessoas, e mais uma vez se revela a organização e o zelo de Neemias, não somente em prestar contas, mas especialmente em aplicar o critério para fazer a escolha. Para entender melhor isso é preciso garimpar entre os nomes as preciosas informações que foram depositadas ali:1) *"descendentes de Judá"* e *"de Benjamim"* (v. 4, 7) – homens

de família, e é fácil notar como a família é importante aqui, geração após geração; 2) *"homens de destaque"* (v. 6, 14) – ou literalmente homens fortes, firmes, que não podiam ser demovidos e ainda *"poderosos"*, ou seja, resistiam e enfrentavam; 3) *"os seguidores de"* (8) – a melhor certificação de liderança é estar sendo seguido; 4) *"responsável pelo"*, *"supervisor da"*, *"encarregado do"* (9, 11, 16) – gente que aceitava responsabilidades; 5) *"bisneto de Asafe"* (17) – gente que foi discipulada e continuou discipulando; 6) *"os sacerdotes"*, *"os levitas"*, *"os porteiros"*, *"responsáveis pela música"* (10, 15, 19, 22) – gente com propósito, uma população voltada para o essencial; 7) *"estavam encarregados deles"*, *"o oficial superior"* (21, 22) – gente organizada que sabia mandar e sabia obedecer; 8) *"sujeitos às prescrições"* (23) – pessoas acostumadas com organização.

Renúncia não é mesmo algo raro em missões e é muito comum no cristianismo, mas interpretá-la como perda é um erro mundano. Em um determinado momento em que a popularidade de Jesus era muito grande, até entre pessoas que vinham de

longe, ele disse que chegara o momento de ser glorificado. Alguém poderia perguntar, 'Que glória maior do que ser tão popular?', e sobre isso Jesus disse: *"Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto."* Jo 12:24. Jesus considerava maior glória a oportunidade de investir a própria vida para produzir resultados para a glória de Deus. Então renunciava não como perda, mas como ousado investimento; renunciava para ganhar muito mais. E tanto sabia disso como também o ensinou: *"Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna."* Jo 12:25. Ou seja, a falta de ousadia para deixar a vida neste mundo, com seus prazeres, bens e conveniência, impede que se ganhe coisa mais importante e mais valiosa.

Renunciar era investimento para Neemias e também para Jesus e isso exigiu coragem. A sabedoria popular diz que 'quem não arrisca não petisca' e isso é um fato. A falta de investimento produz a ilusão de segurança, mas o que ocorre é a estagna-

ção. A parábola das dez minas também ensina isso: *"... Eu lhes digo que a quem tem, mais será dado, mas a quem não tem, até o que tiver lhe será tirado."* Lc 19:26. Para investir é preciso renunciar e renunciar é decidir. Quando renunciamos podemos seguir em frente com nossas decisões, mas a falta de renúncia nos prende na dúvida, nos escraviza ao medo da perda. Você verá pessoas sem essa ousadia, elas são indecisas, não sabem escolher e, portanto, não conseguem avançar.

Vimos Jesus falando sobre renúncia, agora vejamos o apóstolo Paulo: *"Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo"* Fp 3:8. Novamente a renúncia é ousado investimento para ganhar mais, para ser bem sucedido, para se desenvolver.

Aqueles que ainda acham loucura renunciar e querem manter sua vida sem grandes riscos devem ouvir Philip James "Jim" Elliot, um dos cinco missionários que nos

anos 50 renunciaram a própria vida para ganhar muitas outras entre os Waorani da Amazônia Equatoriana: “Não é tolo aquele que dá o que não pode reter, para ganhar o que não pode perder”. Nisso Jim foi influenciado por um pregador inglês da segunda metade do século XVII, Philip Henry, que escreveu: “Não é tolo quem reparte aquilo que não pode manter, quando tem certeza de que será recompensado com aquilo que não pode perder”

Em meu livro TRIUNFO, baseado no momento transformador de Moisés diante da sarça ardente, procuro ajudar os crentes a obterem o verdadeiro e permanente sucesso garantido por Cristo: andar em triunfo (2Co 2:14). Ali, largamente, mostro como ter, ser, estar e fazer podem produzir uma ilusão de sucesso, que afeta mesmo os crentes dedicados ao ministério.

É popular a ideia do psicanalista alemão Eric Fromm de que ser é superior a ter, conforme defende em *Haben oder Sein* de 1976. Baseado nas Escrituras Sagradas devo dizer que ‘ser’ também não é importante: *“Fui crucificado com Cristo. Assim, já*

não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim." Gl 2:20a. Percebo que duas outras ilusões ainda são o 'estar' e o 'fazer'. Todas as quatro são perigosos desvios na percepção do verdadeiro Triunfo.

Se eu tivesse um salário poderia realizar meu projeto missionário. Se eu fosse formado alcançaria meu objetivo. Se eu estivesse naquele país realizaria a vontade de Deus. Se eu pudesse fazer como quero então produziria frutos. Nenhuma dessas coisas é verdade. São ilusões e não é raro que depois de obter algo, sentir-se de determinada maneira, chegar a algum lugar ou finalmente ser capaz de fazer alguma coisa, as pessoas se sintam frustradas.

Então o que realmente importa? Se devemos renunciar com ousadia ao ter, ao ser, ao estar e ao fazer, o que devemos abraçar então? Qual é o nosso alvo, o que ganhamos com isso? Paulo sabia, e depois de dizer que renunciou à própria vida crucificada com Cristo, continuou dizendo aos gálatas: *"A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim."* Gl 2:20b. A

fé naquele que Deus enviou é a obra que devemos fazer (Jo 6:29), essa é a grande riqueza e mantê-la é nosso Triunfo, por isso Paulo pôde dizer ainda: *"Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça..."* 2Ti 4:7,8.

Para ser um missionário você deve ter a ousadia de fazer grandes investimentos para obter maior retorno. William Carey, o pai de missões modernas, missionário inglês na índia durante o século XIX, escreveu: "Espere grandes coisas de Deus; tente grandes coisas para Deus".

Se você estiver preso ao que você tem, se não tiver ousadia para investir, será como o moço rico (Mt 19:16-30, Mc 10:17-31, Lc 18:18-30). Sem poder se desprender do tanto que ele tinha, não pôde obter o que mais desejava. Mas aos que investiram com ousadia tudo o que tinham, *"casa, mulher, irmãos, pai ou filhos por causa do Reino de Deus"*, Jesus prometeu que receberiam 100 vezes mais.



12° andar

generosidade

"Assim, nos dias de Zorobabel e de Neemias, todo o Israel contribuía com ofertas diárias para os cantores e para os porteiros. Também separavam a parte pertencente aos outros levitas, e os levitas separavam a porção dos descendentes de Arão." Neemias 12:47

Dinheiro é outra questão que bloqueia muita gente e paralisa projetos missionários. Muitos jovens temem ter que 'viver de ofertas'. Para eles é como se fossem esmolas, como se fosse um favor. Por outro lado, há quem encontre um salário fixo no ministério, com carteira registrada, e não ofereça um verdadeiro trabalho missionário. Trabalham como empregados comuns, limitan-

do-se a cumprir um conjunto de tarefas conforme for determinado. Tantas idas e vindas, tantos escândalos financeiros, faltas aqui e excessos ali, todas essas questões de suprimento dos obreiros têm afastado a igreja do plano de Deus, de modo que há até quem se orgulhe de não receber salário da Igreja ou de que sua igreja não sustente o pastor. Um orgulho assim é certamente carnal ou até maligno. Neemias era muito rico quando se dedicou ao trabalho que Deus tinha para ele, foi um hábil administrador e mesmo assim não abriu mão de viver dentro do plano financeiro de Deus. Vejamos o que podemos aprender com ele sobre isso.

A festa de inauguração foi maravilhosa. Como tudo o que Neemias fazia, foi bem organizada. Para realizar aquela festa foi necessário trazer muita gente qualificada para trabalhar no templo. Agora não havia mais desculpas, o muro estava pronto e a adoração, propósito final de toda a obra, devia ser restaurada. A música, o desfile, os sacerdotes com suas roupas novas, Jerusalém toda enfeitada, a multidão nas ruas, o sentimento de ter participado da-

quela obra, o perfume do incenso, a liderança envolvida, quanta alegria! *"E naquele dia, contentes como estavam, ofereceram grandes sacrifícios, pois Deus os enchera de grande alegria. As mulheres e as crianças também se alegraram, e os sons da alegria de Jerusalém podiam ser ouvidos de longe."* Ne 12:43.

O relato do capítulo 12 traz a lista das casas sacerdotais pela terceira vez (10:2-8; 11:10-14; 12:1-7). Desde Davi e Salomão havia um sistema de 24 turmas que se revezavam no serviço do templo (1Cr 24:7-19). Houve a interrupção desse sistema durante o cativeiro e com o retorno de Israel à sua terra ele foi restaurado. Era um sistema bastante preciso que incluía o trabalho de turmas de levitas especializados nas diversas funções do culto: ensino, canto, instrumentos, controle de acesso, segurança e contabilidade. O sistema previa horários e dias de trabalho e de descanso e provia os recursos necessários para o sustento desses trabalhadores.

Assim que a festa acabou Neemias deu o próximo passo. Ele já vinha preparando isso e agora chegara o tempo. Ele distribu-

iu cargos, funções e salários para atender a todas as necessidades do ministério. Também restaurou o sistema divino de financiamento, conforme levara o povo a se comprometer por escrito. Sacerdotes e levitas trabalhavam para manter a estrutura de adoração. Entregar dízimos e ofertas fazia parte da adoração. Esses recursos pagavam o salário dos levitas e dos sacerdotes, assim a estrutura de adoração era mantida. O sistema divino de financiamento associa a obra de Deus ao salário dos que por ela trabalham.

Jesus endossou essa ideia quando disse: *"Fiquem naquela casa, e comam e bebam o que lhes derem, pois o trabalhador merece o seu salário. Não fiquem mudando de casa em casa."* Lc 10:7. Jesus já havia evangelizado a Galileia de um modo semelhante, enviando os 12. Agora, para evangelizar a Judeia, estava enviando 72 missionários e novamente estabeleceu procedimentos bem precisos para o trabalho. Esses procedimentos podem ser considerados o código trabalhista dos missionários, e, embora atuemos em diferentes cenários, os princípios implícitos neles,

como estabelecidos por Jesus, o Senhor da Seara, continuam firmes e validos.

A dignidade da remuneração é um desses princípios permanentes e eu tenho utilizado os quatro conceitos que contém para ensinar sobre finanças a muitos missionários em preparo e também no campo. O ataque às finanças ministeriais é uma estratégia do maligno para impedir a evangelização. Sou grato a Deus pelo socorro que encontramos na Palavra de Deus.

O primeiro conceito é o de 'dignidade'. O termo utilizado por Jesus, o adjetivo *gr. axis*, tem o sentido de pesado, e está relacionado com a prática de colocar um peso em um prato da balança para medir o que se coloca no outro prato. Portanto a ideia de dignidade é a de que o salário corresponde ao que foi feito. Nosso trabalho espiritual tem um peso físico, que pode ser apropriadamente dimensionado. Espiritual, não significa sem valor.

'Trabalhador' é o segundo conceito, especialmente quando o termo que Jesus usou foi o *gr. ergatês* que indica um trabalhador

braçal, um empregado com horário de trabalho, tarefas a serem cumpridas sob supervisão e resultado a ser apresentado. Jesus não pensava em seus trabalhadores como *free lancers*, gente que trabalhasse quando quisesse, como quisesse. A ideia de Jesus é a de um trabalho comprometido, intenso, pesado. Um trabalhador assim é digno, não há dúvidas. Talvez, muita gente não percebe a dignidade do missionário por não ser trabalhador de fato.

'Do seu', implícito na declinação do substantivo, como terceiro conceito indica que o salário é devido ao missionário, não como um favor, não como caridade. O missionário trabalhou por aquele salário, é dele, para gastá-lo conforme sua necessidade e seu desejo. Não posso deixar de ler Tiago 5:4 sem pensar que se aplica também à Igreja: *"Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos."*. Um vez que o salário pertence ao trabalhador, aquele que se beneficia de seu esforço, se não paga, está roubando.

Finalmente o conceito de ‘salário’, o substantivo *gr. misthos*, traz a idéia de uma recompensa, isto é, um pagamento que compensa apropriadamente uma ação. Portanto não estamos falando de uma ajudinha, de um ‘cala-boca’, de uma oferta para lavar o paletó, de um dinheirinho amassado para ajudar no transporte. O missionário deve receber salário, uma recompensa apropriada para o importante trabalho que realiza.

Eu disse antes que essa passagem equivale a uma CLT missionária. De fato, há vários conceitos periféricos que ainda poderia expor se houvesse tempo, vou me contentar com aqueles que motivaram a advertência para não ir de casa em casa. Trata-se da expressão *gr. pará auton*, traduzida como ‘o que lhes derem’, ou literalmente ‘junto com eles’. Essa simples expressão estabelece dois conceitos importantes: 1) ‘equivalência’ – o missionário deve se manter no nível das pessoas para quem ministra e a ideia do dízimo é essa, como disse um amigo, cada dez famílias podem oferecer mais um salário equivalente; 2) ‘contentamento’ – sobre isso eu po-

deria escrever um livro, visto que esse contentamento é fundamental para a sensação do Triunfo: *"...por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos."* 1Tm 6:8.

Depois de falar sobre o contentamento que o obreiro deve ter, tendo o suficiente, não posso esquecer de falar da motivação dos seus mantenedores. Veja porque o povo de Israel atendeu tão prontamente ao sistema divino de financiamento missionário: *"E, de fato, o povo de Judá estava satisfeito com os sacerdotes e os levitas que ministravam no templo"* Ne 12:44b. Duas palavras chamam atenção aqui. O termo traduzido por 'satisfeito' é alegria. O povo estava alegre com os sacerdotes e os levitas, por isso trouxeram os dízimos e as ofertas determinada pela Lei. Novamente é a alegria, a graça, que torna a obediência realmente fácil, falamos muito sobre isso quando estávamos no 8º andar. O termo traduzido por 'ministravam' é literalmente 'esperavam' – como um garçom faz esperando até que seja chamado ou veja uma necessidade. Os sacerdotes e levitas estavam disponíveis para o povo! É graça.

Ainda assim há muita dificuldade no sustento dos obreiros. Não quero esconder isso de você. Afinal, você já deve ter descoberto que não vivemos em um mundo perfeito, mas em um bem corrompido pelo pecado. A raiz de todo o mal que atinge o sistema divino é a mesma, o amor ao dinheiro. Quando um missionário se apaixona pelo dinheiro, deixa de cumprir sua missão. Da mesma forma o doador. Escândalos, problemas econômicos, dúvidas, prioridades, não são desculpas para ir contra a vontade de Deus. O amor ao dinheiro é a única raiz desse mal.

Então surgem as opções para evitar dízimos e ofertas que sustentem os obreiros. A mais frequentemente é a do 'fazedor de tendas'. Porque os missionários não sustentam a si mesmos trabalhando? (como se ensinar a Palavra não fosse trabalho, e excelente). A escassa base bíblica para o modelo financeiro do missionário fazedor de tentas reside em apenas um texto: *"...e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas."* At 18:3.

Paulo chega à metrópole de Corinto, uma cidade cara, vibrante de atividades, que sediava os Jogos Ístmicos a cada dois anos, e que recebia gente de todo lugar. Que campo missionário! E onde estava o dinheiro? Paulo chegou ali sem recursos, mas, como todo judeu de elite, tinha uma profissão manual, sabia trabalhar com couro, e achou um casal rico, vindo da capital, que lhe deu emprego. Durante a semana Paulo trabalhava e no sábado ia para a sinagoga ensinar.

Podemos até aceitar, embora a Bíblia não o diga, que Paulo tenha trabalhado desse modo outras vezes. Se ele achava isso normal, se pensava que poderia ser uma regra, isso não! Veja o que vem apenas um versículo à frente: *"Depois que Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo."* At 18:5. Depois de estabelecer aquela igreja e partir para a próxima cidade, quanto precisou escrever aos crentes que ficaram ali, Paulo revela porque parou de trabalhar quando Silas e Timóteo chegaram: *"...pois os irmãos, quando vieram*

da Macedônia, supriram aquilo de que eu necessitava..." 2Co 11:9. Estava restabelecido o financiamento divino, uma igreja, provavelmente a de Filipos (Fp 4:15), pagou os salários daquela missionária.

Embora fosse bastante seletivo em receber ofertas, e ainda que tivesse trabalhado para o próprio sustento na falta de mantenedores, fazer tendas era uma exceção. Não a regra. Paulo cria no financiamento divino para a obra missionária: *"O que está sendo instruído na palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui."* Gl 6:6. Ele também repetiu para Timóteo o mesmo ensino de Jesus *"o trabalhador merece o seu salário"*, aplicando a eles a ideia de não impedir o boi de comer enquanto trabalha, bem como estabelecendo um escalonamento salarial relacionado à qualidade do trabalho do obreiro, valorizando especialmente aos que sabem ensinar a Palavra (1Tm 5:17,18).

Sei que esse tema não é fácil, e que tem impedido muitas pessoas. Eu mesmo me senti muito confortável como pregador itinerante, independente, enquanto fazia

carreira nos negócios. Quando senti o chamado do Senhor para me dedicar exclusivamente à pregação, a primeira oferta que recebi foi do pastor Dirceu dos Anjos, naquela época o diretor executivo da missão Betânia. Eram U$ 100,00 que ele entregou a mim como uma lição que eu precisava aprender. Como sou grato a esse querido irmão.

Ainda não acho fácil lidar com essa questão financeira e me apoio nas Escrituras para fazê-lo corretamente. Na falta do compromisso de muitas igrejas até abrimos exceções para levantar recursos alternativos para a AMME. Mas permaneço confiando no que ensina a Palavra. Por isso digo a você, se realmente deseja dedicar-se exclusivamente à pregação, mantenha essa esperança: *"O lavrador que trabalha arduamente deve ser o primeiro a participar dos frutos da colheita."* 2Ti 2:6. Esse é o penúltimo andar.



13° andar
fidelidade

"Também estabeleci regras para as provisões de lenha, determinando as datas certas para serem trazidas, e para os primeiros frutos. Em tua bondade, lembra-te de mim, ó meu Deus." Neemias 13:31

A brevidade de nossa vida pode nos instilar o desejo de sermos lembrados pelas pessoas. Medalhas, troféus, reportagens, fotografias, homenagens, a tentação de Babel pode seduzir e ocupar uma pessoa, impedindo o projeto missionário que Deus tem para ela. A necessidade de receber reconhecimento, de fazer o nome, de ser citado, persegue mesmo os mais jovens. Há poucos pensando em ir aos ribeirinhos, aos confins da Ásia, ou em dedicar-se a

ajudar as igrejas em sua região a cumprir a missão bíblica de evangelizar todo mundo. Ainda no seminário e estão produzindo apostilas, gravando vídeos, disputando convites para conferências, dando seu nome a ministérios imaginários. Como Neemias lidou com isso? Por quem e de que modo ele queria ser lembrado? O que ele tem a nos dizer sobre essa necessidade tão humana de status?

Estamos no último andar dessa subida missionária, de onde se pode ver todo o cenário, toda a carreira. Pregando desde os sete anos de idade, eu já vou além dos 40 anos de pregação. Com meio século de idade, começo a sentir o cansaço de ter entrado na segunda metade da vida. E o que me surpreende lendo esse capítulo é que Neemias está voltando da capital do império para a pequena e poeirenta Jerusalém. Pense nisso! Ele novamente renunciou ao conforto e à riqueza da sede imperial para assumir uma posição secundária em um território de menor importância aos olhos dos homens. E durante todo esse capítulo vamos ver que ele é impulsionado pela mesma indignação do primeiro andar.

Neemias não se conforma com o mal, não aceita a injustiça, não se conforma com o mundo, não tolera que as coisas estejam fora da vontade de Deus, alheias ao seu governo soberano. Essa indignação é o lastro da fidelidade e diverge do conformismo dos outros personagens.

Outra nota indisfarçável é a tríplice súplica para ser lembrado. Não que seja uma novidade, já que Neemias começa pedindo que Deus se lembre (1:8), e faz oração muito semelhante quando trata da santificação no quinto andar (5:19). Mas o fato de apresentar a mesma súplica por três vezes no final de seu relatório, diz algumas coisas importantes.

"Lembra-te de mim ó meu Deus" – Deus esquece? Precisa ser lembrado? Uma das ideias inerentes ao *hb. zakar* = lembrar, presente nas três súplicas, é sentir novamente, ou seja, repassar uma memória para retomar um bom sentimento. Neemias não queria ser lembrado pelos homens, ele desejava ser lembrado por seu Deus, aquele com quem tenha um relacionamento próximo, íntimo. Ele queria ser uma

lembrança agradável para Deus e insistiu nisso. A vontade de agradar ao Senhor e não a si mesmo ou aos outros determinou a fidelidade de Neemias em seus padrões, sua ética, seus princípios e sua conduta. Agora, quando ele iniciava mais uma vez, quando começava um segundo mandato, depois dos doze anos do primeiro, seu norte era claro ainda, seu caminho continuava firme, não havia dúvidas nem insegurança, somente essa indestrutível vontade de ser agradável a Deus.

"...pelo Templo do meu Deus e pelo seu culto" Ne 13:14 – a adoração é a primeira das três ofertas para ser lembrado. Neemias espera que tudo quanto fez para que a voz de Deus fosse ouvida nas Escrituras e que Ele pudesse ouvir a voz de seu povo na oração o torne agradável. Segundo o salmista, Neemias acertou. *"o Senhor se agrada dos que o temem, dos que colocam sua esperança no seu amor leal. Exalte o Senhor, ó Jerusalém! Louve o seu Deus, ó Sião..."* Sl 147:11,12.

"fiz com tanta fidelidade" " Ne 13:14*, "conforme o teu grande amor*" Ne 13:22. Os

termos traduzidos por fidelidade na primeira súplica e por amor na segunda são o mesmo *hb. checed*, que é esse sentimento de um coração contrito, dolorido de amor, misericordioso e devotado. Neemias tinha esse amor por Deus e sabia que Deus tinha esse amor por ele, em grande abundância. Davi era assim também, e disse: *"Eu te amo, ó Senhor, minha força."* Sl 18:1. Admiro esses homens tão fortes e firmes, tão inteligentes e capazes, e ao mesmo tempo tão sensíveis em perceber Deus, não como um terrível juiz, mas como alguém com quem se pode desenvolver um relacionamento de intenso, íntimo e reverente amor. Bem disse alguém que em um relacionamento assim, o temor não é medo da punição, mas o receio de desagradar a alguém que se ama tanto. Amor é então a segunda oferta de Neemias.

"Em tua bondade" Ne 13:31 – essa tradução tem trazido alguma dificuldade pois o verbo *hb. tob*, ser bom ou ser agradável, é transformado em adjetivo ou substantivo. Isso levou algumas versões a dizer 'para o meu bem'. Mas é muito mais coerente (e correspondente) interpretar essa súplica

como dependente da bondade de Deus. Na segunda súplica Neemias já havia dito *"tem misericórdia de mim"*, de modo que, para ser agradável a Deus, se torna alvo da bondade e da misericórdia dele.

Mas esse misto de profundas emoções e muito trabalho, tem esse outro lado que prova a fidelidade nas situações cotidianas, sob tensões de todo tipo, com atitudes práticas. Antes há um breve editorial que estabelece a base bíblica em Deuteronômio 23:3-5 para as ações que mostram a fidelidade de Neemias a Deus e a sua Palavra em seu esforço de ser uma lembrança agradável.

Fidelidade na liderança (Ne 13:4-9) – Um sacerdote com importantes responsabilidades, se não um homônimo, o próprio sumo sacerdote, havia utilizado mal sua autoridade, instalando nas dependências do pátio do Templo um inimigo de Jerusalém que trouxera muitos problemas para Neemias durante a reconstrução. O sacerdote se deixou levar pelos laços familiares e pôs de lado a fidelidade devida a Deus, abusando dos privilégios de sua função.

Neemias, porém, foi fiel. Sem mesmo pedir qualquer tipo de permissão ou dar alguma satisfação, sem se preocupar com melindres ou insatisfações, jogou fora os objetos pessoais de Tobias, mandou purificar as salas e devolveu-lhes sua função. Neemias vivia para agradar a Deus.

Fidelidade na administração de recursos (Ne 13:10-14) – Sem receber o salário devido, os levitas, inclusive os que dirigiam o culto, haviam saído de Jerusalém para procurar sustento para suas famílias de outra forma. A negligência na administração havia feito declinar os dízimos e as ofertas. Neemias não foi repreender os levitas que estavam batalhando por sua subsistência, ele foi atrás dos responsáveis pela tesouraria e reprovou sua administração com base nos resultados. Então restabeleceu o culto e, como antes, diante do serviço que era realizado, o povo contribuiu. Neemias também trocou o pessoal por gente mais qualificada e tudo voltou a funcionar. Aqueles administradores perderam o foco, provavelmente ocupados com coisas de menor importância, por isso perderam também a fidelidade.

Fidelidade na administração do tempo (Ne 13:15-22) – O mesmo Deus que requer a rendição de nossos bens, requer a rendição de nosso tempo. Dízimo, ofertas e sábado, são tão importantes porque são um sinal claro de nossa submissão ao Reino de Deus. Mas todo o tipo de mascate estava transgredindo a oferta do tempo, e dedicando tudo para conveniência pessoal. Novamente Neemias vai aos cabeças, ele não tinha dificuldade em falar com quem quer que fosse. Ele citou as Escrituras (Jr 17:19-27), estabeleceu procedimentos, assinalou responsabilidades, estabeleceu punições e garantiu a continuidade dos novos procedimentos. Aqueles nobres flexibilizaram a santidade por interesses materiais, mas não houve dinheiro que convencesse Neemias a abandonar a sua fidelidade ao Senhor.

Fidelidade nos relacionamentos (Ne 13:23-27) – Rute era moabita, casou-se com um judeu, cuidou de sua sogra, foi aceita na comunidade de Belém, foi remida por Boaz e entrou para a genealogia do Messias. Mulheres asdodidas, amonitas e moabitas não deviam ser rejeitados por questões

raciais, mas porque serviam a outros deuses e contaminariam Israel com suas crendices. Neemias viu ainda mais longe, as crianças, a geração seguinte estava sendo afastada dos caminhos de Deus e já não falavam mais conforme Israel, mas de acordo com a cultura de suas mães. As paixões, os desejos carnais, levaram os homens judeus a lacear sua fidelidade, mas Neemias ficou firme. Repreendeu, amaldiçoou, castigou fisicamente, exigiu compromisso formal, reafirmou normas, ensinou as Escrituras e arrazoou. É interessante notar que nossa ética contemporânea, baseada em valores humanistas e no princípio da individualidade, mal consegue compreender as ações e a intensidade de Neemias. Mas o centro de sua fé não era o ser humano, era Deus.

Fidelidade no testemunho (Ne 13:28,29) – No décimo andar, vimos como Neemias valorizou a transparência, mas agora o neto do sumo-sacerdote, como muitos VIPs, achou que podia usar sua posição para se unir ao governador de Samaria, principal inimigo de Jerusalém durante a restauração dos muros. Além do fascínio

pelo status, essa deve ter sido uma ligação familiar muito conveniente para os negócios. Mas esse falso testemunho desacreditou o ofício sacerdotal e a aliança pública deles. Neemias então perseguiu o sujeito, não importando filho ou neto de quem quer que ele fosse. Estava em pecado, não era fiel, então não podia ficar ali. Neemias queria tanto agradar a Deus que não podia tolerar as pessoas que o desagradavam.

Finalmente Neemias fez um breve resumo de suas realizações. Nessa lista não entram as construções para conforto do povo, sua excelente administração pública, mas somente aquelas coisas que fez para agradar a Deus: a santificação e a missão. Esse é mais um sinal claro de como se constituiu a fidelidade que ele demonstra.

Vivemos em tempos de pouca fidelidade. As pessoas não estão sendo capazes de manter sua fé, logo não conseguem manter seus relacionamentos e então não são capazes de se manterem fiéis em sua conduta. Estamos cercados de pastores que foram infiéis no casamento e agora desenvolveram uma teologia para justificar seu

adultério. Por todos os lados se abrem igrejas e ministérios frutos da infidelidade de gente rebelde. Até mesmo o evangelho pregado nessas igrejas é outro, ao gosto do freguês. Escândalos financeiros assaltam as igrejas e desapropriam a esperança. Missionários vem e vão, e não é em viagens de trabalho. São dias maus.

Você achará muitos motivos para ser infiel, flexibilizar seus compromissos, lacear seus princípios, enveredar por caminhos alternativos e até admitir novos evangelhos. Os motivos serão os mesmos que têm seduzido a tantos: a pressão dos laços familiares, a perda de foco, os interesses materiais, paixões e desejos da carne ou o fascínio do status. Mas, se você quer mesmo ser um missionário, precisa chegar a esse 13º andar e ser fiel até a morte (Ap 2:10) no propósito de agradar a Deus. Então: *"Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor."* 2Tm 2:22. Se chegou até aqui, lhe dou boas vindas a missões.



AMME Evangelizar

o seu andar

"A igreja que deixa de ser evangelística logo deixa de ser evangélica."
Alexander Duff, missionário escocês dedicado à educação na Índia, século XIX.

Quando você chega ao andar de missões, o que encontra é uma diversidade de agências missionárias, inclusive os departamentos missionários de denominações até locais. As agências missionárias são tão diversas, que é difícil categorizar, mas, se você quer ser um missionário, vai trabalhar com uma dessas delas.

Muitas agências poderiam ser definidas pelo destino, isto é, onde querem levar você. Há agências especializadas em Áfri-

ca, em Ásia, em muçulmanos, em crianças e assim por diante. A AMME Evangelizar não se define por destino, pois a nossa ênfase é a origem: a Igreja Brasileira como fonte da obra missionária.

Outro modo de classificar as agências missionárias é pelo que fazem. É bíblico e deveria ser verdade que todas as agências estivessem evangelizando, mas há algumas que não o fazem, infelizmente. Das que evangelizam algumas se especializam em cruzadas, outras em evangelização pessoal, em educação e atualmente há as que atuam com multimídia. A AMME Evangelizar se dedica à evangelização como missão bíblica da Igreja e procura facilitar que cada crente e cada igreja possa cumprir sua missão bíblica utilizando o método e os recursos de evangelização mais apropriado para sua capacidade e para o contexto em que está.

Também se classificam as agências pelos serviços que elas prestam aos missionários e suas igrejas. Há agências missionárias que funcionam como promotoras de uma ideia apenas, fornecendo uma direção

geral para o trabalho e nada mais. Outras agências se tornam quase igrejas, procurando fornecer todos os elementos da fé aos missionários e ao público que alcançam. A AMME Evangelizar é uma missão de ajuda à igreja. Entendemos que a obra missionária é tarefa da igreja local, e nos dedicamos a oferecer os recursos para que cada igreja cumpra sua missão.

Seja como for, a importância de uma agência missionária reside na especialidade que ela pode oferecer ao missionário e à sua igreja. A obra missionária exige desenvolvimentos que não são especialidade da igreja nem podem ocupar o missionário, por isso eles recorrem à ajuda de uma agência. Se o missionário tem um chamado para ajudar outras igrejas a evangelizar, sua igreja local não é especializada em ajudar igrejas, a AMME Evangelizar sim, então a igreja e o missionário podem contar conosco para a realizar seu projeto.

AMME Evangelizar

A AMME Evangelizar é a agência missionária que fundei no início do ano 2000,

depois de um período de muita oração pela Igreja Brasileira. Eu estava inconformado com o declínio do conhecimento bíblico, a falta de santidade, o descompromisso com a missão e tantas coisas semelhantes. No dia 11 de agosto de 1997, enquanto orava, senti-me dirigido a estudar a segunda carta de Paulo a Timóteo e entendi que o melhor a fazer pela Igreja era chama-la de volta à evangelização. Depois de um tempo de preparo, iniciei esse trabalho, investindo os poucos recursos de que dispunha, trabalhando na sala de minha casa com a ajuda de minha esposa e meus filhos pequenos.
AMME é a sigla de Associação dos Missionários Mantenedores da Evangelização. Desde o início a AMME Evangelizar quis ser uma agência que reunisse missionários interessados em ajudar a Igreja.

Visão – Chamar as igrejas ao primeiro amor e ajudar a fazer as primeiras obras (Apocalipse 2:4,5)

Propósito – A AMME Evangelizar existe para ajudar as igrejas evangélicas brasileiras a cumprir sua missão bíblica de evangelizar todo mundo.

Diretrizes – Realizamos nosso propósito a partir de quatro diretrizes ou trilhos: motivando os que estão desanimados; treinando os que não sabem fazer; suprindo com métodos e recursos os que estão prontos para ir; apoiando os que já estão fazendo.

Realizações – Em catorze anos de ministério os missionários da AMME Evangelizar já ajudaram mais de 50 mil igrejas (uma em cada cinco igrejas brasileiras) a apresentar o Evangelho a 127 milhões de pessoas em todo o país.

Atuação – Os missionários da AMME Evangelizar são treinados como consultores. Em contato com as igrejas, são capazes de avaliar a situação, recomendar e aplicar as melhores soluções para levar a igreja a cumprir sua missão bíblica de evangelizar todo mundo.

Ênfase – A partir do primeiro ano de fundação, a AMME realizou uma pesquisa sobre o crescimento da Igreja e descobriu que 77% dos crentes se converteu entre 4 e 24 anos. Esse período de intervalo recebeu o nome de SUPER20 e se tornou o

principal alvo de evangelização, abrangendo crianças, adolescentes e jovens.

Produtividade – Internamente, o indicador de produtividade da AMME é o número de missionários atuantes. Externamente, nosso indicador é o número de igrejas que estão sendo atendidas.

Resultados – Internamente, nosso indicador de resultados é a mudança no comportamento das igrejas atendidas. Externamente nossos resultados são medidos pela quantidade de conversões com integração de novos membros nas igrejas. Sabemos que estamos apresentando frutos para a glória de Deus quando vidas são transformadas pelo poder do Evangelho.

Nossos missionários

Dada a natureza de nosso ministério, nossos missionários devem ter algumas características destacadas:

Amor pela Igreja – Uma vez que nosso propósito é ajudar as igrejas, nossos missionários devem, primeiro estar bem inte-

grados em uma igreja local, e também olharem para a Igreja Brasileira com esperança e boa disposição. Pessoas magoadas e ressentidas com a Igreja não podem fazer um bom trabalho conosco. Esse amor pela igreja deve se refletir na facilidade de valorizar e cooperar com diferentes denominações, respeitando suas peculiaridades e vocações.

Visão de líder – Um líder, conforme Jesus é alguém que serve, alguém que realiza através das pessoas, capacitando e apoiando. É assim que nossos missionários trabalham, por isso devem ter a visão de realizar a evangelização do Brasil e do mundo através das igrejas que motivam, treinam, suprem e apoiam. É quase sempre um trabalho de bastidores, portanto, gente que quer levar o crédito, estar em cena, fazer as coisas do seu próprio jeito não serve conosco.

Empreendedor – Nosso estilo de trabalho não define micro-tarefas para os missionários. Não acompanhamos seu trabalho passo a passo, por isso, tendo recebido a direção geral para sua atuação e um amplo

leque de recursos para transferir às igrejas, nossos missionários devem inventar seu próprio trabalho, planejando e executando as ações que darão melhores frutos. Portanto, gente que não sabe se organizar, que não tem motivação e impulso próprios não serve para trabalhar conosco.

Capacidade para ensinar – A maior parte de nosso trabalho é feita treinando a Igreja para realizar seu trabalho, então nossos missionários devem ser muito hábeis em ensinar. Devem ter grande facilidade de comunicação, organização de ideias e sensibilidade para os limites das pessoas. Devem escrever bem, saber preparar materiais e lidar com recursos didáticos, apresentar conteúdos de modo cativante e, sobretudo, vontade de ver mudança a partir do ensino. Obviamente, para ensinar é necessário aprender, por isso nossos missionários passam por treinamento continuamente, devem ser bons ouvintes, apreciar a leitura e saber pesquisar.

Disposição para evangelizar – Evangelização é o que ensinamos. Entendemos que essa é a missão bíblica da Igreja. Então

nossos missionários devem gostar de evangelizar e ter suficiente experiência pessoal para transferir aos outros, mostrando na prática como se faz. Devem saber pregar em um evento, abordar pessoas com desembaraço, utilizar recursos como a internet, o teatro e a música para transmitir a mensagem do Evangelho. Dada à ênfase estratégica no SUPER20, nossos missionários devem ter facilidade e interesse em pregar o Evangelho a toda criatura, especialmente para crianças, adolescentes e jovens.

Administrador – Como em qualquer função, o missionário disporá seu serviço na expectativa de ter seu sustento pessoal. Esse sustento poderá ser uma combinação da contribuição de sua igreja local, de ofertas regulares e eventuais das igrejas a que servir e também de um grupo de amigos mantenedores que organizar. Não é como receber o salário de um empregador em um envelope fechado, mas muitas pessoas fora do meio missionário também não se sustentam assim. Além disso, o missionário também deve prestar contas e contribuir financeiramente para a manutenção da

agência missionária como também para sua igreja. Isso exige a honestidade e a disciplina de um bom administrador.

Responsabilidades

O trabalho missionário é então uma relação triangular entre a igreja da qual o missionário é membro, do próprio missionário e da agência que eles escolhem para oferecer as especialidades de que não dispõe.

Há missionários que seguem sem uma agência, então sua igreja ou o próprio missionário precisam desenvolver precariamente as especialidades que a igreja não possui, desde o treinamento transcultural, o apoio no campo, até o desenvolvimento de projetos eficientes e eficazes em contextos diversos do ambiente da igreja. Infelizmente isso raramente funciona.

Se um missionário tem o mesmo chamado que originou a AMME Evangelizar, isso é, chamar a Igreja Brasileira ao primeiro amor e ajudar a fazer as primeiras obras, dificilmente sua igreja local poderá oferecer uma base para a atuação inter-denominacional,

um variado leque de métodos e recursos evangelísticos para diferentes cenários, uma ampla base de comunicação, programas de atualização e reciclagem, estratégias combinadas para grandes eventos e oportunidades. Essa é a especialidade da AMME Evangelizar: 50 mil igrejas ajudadas e 127 milhões de pessoas evangelizadas podem atestar isso.

Então, essas são as responsabilidades da igreja, do missionário, e da agência missionária quando esse triângulo inclui a AMME Evangelizar.

Da Igreja – A igreja é a enviadora, portanto deve manter sua responsabilidade pelo pastoreio do missionário, certificando-se de que sua vida espiritual corresponde ao alto padrão que o ministério exige. Além disso, tem o privilégio de apoiar financeiramente o seu missionário, oferecendo seu salário básico e cuidando que suas necessidades pessoais e familiares sejam atendidas.

Do missionário – O missionário é o enviado. Cabe a ele desenvolver um trabalho e prestar contas de tal forma que possa ser

medido pelos indicadores, tanto de produtividade como de resultados. O missionário poderá também captar recursos complementares para seu sustento, convidando mantenedores e captando recursos através da distribuição de materiais e serviços quando e como indicado. Cabe-lhe ainda, quando aplicável, transferir os recursos captados e contribuir pessoalmente para a manutenção da agência.

Da AMME – A agência missionária é o veículo para a enviadora e para o enviado. Cabe à AMME oferecer direcionamento ministerial, treinamento contínuo, design e produção de recursos estratégicos para o desenvolvimento do missionário e para transferência às igrejas, personalidade institucional, garantias, articulação global, plataforma de informação e de comunicação, inclusive promocional.

Se você acha que a AMME Evangelizar é a agência missionária que pode ajudar você e sua igreja a cumprir o chamado de Deus, solicite o nosso apoio.



e agora?

Para solicitar o apoio da AMME Evangelizar ao seu projeto missionário, faça uma proposta respondendo as seguintes questões com seus títulos em documento Word e envie por e-mail. Sua proposta será tratada como documento confidencial. Envie para: *portal@ammeevangelizar.org*.

Dados para contato
E-mail, telefones, endereço, perfil na web.

1. Testemunho de conversão
Como era sua vida antes de conhecer Cristo? Como você conheceu o Evangelho (inclusive data)? Que transformação se produziu em sua vida desde então? Desviou-se (se sim, quando)? Em que áreas de

sua vida há maior dificuldade de transformação e santificação?

2. Testemunho de chamado
Como se deu o seu chamado para o ministério? Que parte das Escrituras você aplicou diretamente à sua vida nesse chamado? Que propósito e objetivos você se sente chamado a alcançar.

3. Situação civil
a) Idade; b) gênero (masculino/ feminino); c) estado civil (solteiro/ casado/ viúvo/ outros); d) Filhos (idades e situação – se dependentes ou independentes); e) Escolaridade não ministerial (até que série estudou, que especialidades cursou, inclusive cursos de extensão e formações adicionais); f) Trabalhos seculares anteriores; g) Condição financeira (fontes de renda, dependentes, endividamento).

4. Situação na Igreja
Em que igreja é membro (nome da igreja, denominação, número de membros)? Qual a linha teológica de sua igreja (conservadora, renovada, pentecostal, neopentecostal etc.)? Como sua igreja está organizada

(departamentos, congregações, células, eventos)? Qual você diria que é o ponto forte de sua igreja, aquele que recebe maior atenção (louvor, ensino, missões, santificação, comunhão, crescimento)? A quanto tempo é membro dessa igreja e como chegou até ela? A que pastor você se reporta (nome, telefone, e-mail, função – se é pastor auxiliar)? Que ministérios desenvolveu anteriormente? Que ministérios desenvolve atualmente? Como a igreja vê seu chamado missionário e que tipo de apoio lhe oferece?

5. Experiência ministerial

Qual a sua formação ministerial (se fez seminário, faculdade teológica, cursos de missões, de liderança etc. – cite a duração dos cursos e a escola em que cursou)? Em que tipo de evangelização você tem obtido mais resultados? Qual a sua experiência na evangelização (campanhas e projetos de que participou, tipos de evangelização que desenvolveu)? Quando e quais foram suas três ações evangelísticas mais recentes? Atualmente você está acompanhando algum recém-convertido (quantas pessoas, descreva esse acompanhamento)?

6. Perspectivas de sustento
Qual o valor total necessário para o seu sustento, considerando despesas pessoais, familiares e expectativas de realização pessoal? Como você espera se sustentar no ministério (fontes e os valores que espera receber de cada uma)? Qual o apoio financeiro que sua igreja dará a você (se sustento formal e permanente, se por compromisso individual dos membros, se provisório e o valor)?

7. Área de atuação
Em que região você pretende exercer seu ministério (bairro, cidade, estado, país)? Com que igrejas ou denominações deseja trabalhar? O projeto básico da AMME Evangelizar é que nossos missionários atuem junto a igrejas evangélicas brasileiras de todas as denominações na região em que vivem. Contudo, há flexibilidade para esse projeto básico:

Essa proposta será lida confidencialmente por dois missionários da AMME, que solicitarão esclarecimentos se necessários e indicarão os próximos passos no processo.

Participe no Facebook do
grupo de cristão evangélicos
com chamado a missões

enviamme

www.fb.com/groups/enviamme



SUBINDO PARA MISSÕES

SALVA VIDAS

AMME EVANGELIZAR

www.evangelizabrasil.com